

Experimentações Urbanas
para estudar Insetos e plantas



convite

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO (FAUUSP)**

GUSTAVO PIMENTA DOS SANTOS

EXPERIMENTAÇÕES URBANAS:
para esticar horizontes e sentidos

SÃO PAULO
2023

GUSTAVO PIMENTA DOS SANTOS

EXPERIMENTAÇÕES URBANAS:

para esticar horizontes e sentidos

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), como requisito final para obtenção do título de Doutor em Ciências, na área de concentração de Projeto, Espaço e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Feres Lourenço Khoury

Coorientador: Antônio Carlos Queiroz Filho

Exemplar revisado e alterado em relação à versão original, sob responsabilidade do autor e anuência do orientador. A versão original, em formato digital, ficará arquivada na Biblioteca da Faculdade.

São Paulo, 05 de outubro de 2023

SÃO PAULO

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Pimenta, Gustavo

Experimentações urbanas: para esticar horizontes e sentidos / Gustavo Pimenta; orientador Feres Houry. coorientador Antônio Carlos Queiroz Filho - São Paulo, 2023. 94.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Projeto, Espaço e Cultura.

1. Cidade. 2. Rizoma. 3. Experiência. 4. Corpo. 5. Cartografias. I. Houry, Feres, orient. II. Queiroz Filho, Antônio Carlos, coorient. III. Título.

GUSTAVO PIMENTA DOS SANTOS

EXPERIMENTAÇÕES URBANAS:

para esticar horizontes e sentidos

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), como requisito final para obtenção do título de Doutor em Ciências, na área de concentração de Projeto, Espaço e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Feres Lourenço Khoury

Coorientador: Antônio Carlos Queiroz Filho

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Feres Lourenço Khoury

Prof. Dra. Manuela Viera Blanc

Prof. Dr. Rafael Henrique Fafá Borges

Prof. Dra. Letícia Carolina Teixeira Pádua

Prof. Dr. Lutero Proscholdt

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, a quem devo grande parte de minhas conquistas.

Ao meu orientador e coorientador Prof. Dr. Feres Lourenço Khoury e Prof. Dr. Antônio Carlos Queiroz Filho pelos conselhos e instruções em minha jornada acadêmica.

A minha grande amiga Ludmila Martins que esteve comigo desde a concepção do meu primeiro rascunho.

Ao grupo de pesquisa RASURAS, por ajudar a enriquecer meu processo de amadurecimento durante a pesquisa com suas temáticas, discussões e reflexões.

Aos professores membros da banca de defesa.

Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que me permitiu dedicar-se integralmente em seu desenvolvimento.

“[...] O imperador conhece o jogo,
mas lhe escapa o porquê do jogo.
O que permanece é o desenho abstrato,
o vazio da própria estrutura.
Marco Polo tenta preenche-lo com o que dá a ver,
com as concreções fabulatórias produzidas
pela imaginação possibilitadora de sempre mais uma cidade,
a ser acrescentada ao mapa do imperador.
Resta sempre uma margem
para que outra cidade seja inscrita.
Onde o Khan vê apenas um quadrado de madeira polida,
a voz narrativa do veneziano, dando continuidade ao jogo,
faz proliferar imagens,
num esforço de adequação minuciosa
do escrito com o não-escrito,
da totalidade do dizível com o não-dizível”.

*Renato Gomes,
Todas as cidades, a cidade.*

RESUMO

PIMENTA, G. **Experimentações urbanas: para esticar horizontes e sentidos.** 2023. Tese. (Doutorado) em arquitetura e urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Logo que cheguei a São Paulo, abruptas mudanças foram impostas devido a pandemia de Covid-19 reestruturando nossos espaços de vida requerendo deles novas condições de habitar. Meu corpo confinado e solitário começou a produzir afetos cada vez mais reativos, em virtude do automatismo gerado. E é diante desse cenário que a pesquisa se desdobra, mais especificamente, a partir do rompimento com essa escala reduzida para esticar meus horizontes e sentidos através do caminhar a fim de que sejam experimentadas cidades outras nesses encontros. Essa é, pois, minha proposta. Alinhar a ideia de rizoma, uma estrutura de passagens repleta de confusões métricas, sem começo, fim, centro ou periferia com um processo de escrita experimental do e pelo corpo que se faça pelos contingenciamentos urbanos. Procuro, assim, investigar como ele possibilita modos de dizer-cidade como potência que se abre à produção da diferença e multiplicidade. Tomo os escritos de Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre o rizoma para justificar meu pensamento de diferentes entradas e saídas possíveis na cidade a partir da escolha do corpo que caminha como intercessor. Esse corpo pensado como linguagem e escala intensiva permite que grafias e narrativas da cidade sejam reconstruídas mediante os atravessamentos de sua exposição, desdobrando-se em produções cartográficas construídas a partir dos encontros agenciados pelo meu corpo na cidade de São Paulo. Portanto, é a partir desse contexto que vejo e coloco minhas experimentações.

Palavras-Chave: Cidade. Rizoma. Experiência. Corpo. Cartografias

ABSTRACT

PIMENTA, G. **Urban experiments: stretching horizons and senses**. 2023. Tese. (Doutorado) em arquitetura e urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

As soon as I arrived in São Paulo, abrupt changes were imposed due to the Covid-19 pandemic, restructuring our living spaces, requiring new living conditions from them. My confined and solitary body began to produce affections that were more and more reactive, due to the automatism generated. And it is in this scenario that the research unfolds, more specifically, from the break with this reduced scale to stretch my horizons and senses through walking so that other cities can be experienced in these encounters. This, then, is my proposal. Coupling the idea of rhizome, a structure of passages full of metrical confusions, without beginning, end, center or periphery, with an experimental writing process of and by the body that is made by urban contingencies. I try, therefore, to investigate how it enables ways of saying the city as a power that opens up to the production of difference and multiplicity. I take the thoughts of Gilles Deleuze and Félix Guattari about rhizome to justify my idea of different possible entrances and exits in the city based on the choice of the body that walks as an intercessor. This body thought of as language and intensive scale allows the city's graphics and narratives to be reconstructed through the crossings of its exhibition, unfolding in cartographic productions built from the meetings organized by my body in the city of São Paulo. Therefore, it is from this context that I see and place my experiments.

Keywords: City. Rhizome. Experience. Body. Cartographies

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Capa do livro “Minhas Vianas”: a cidade como lugar dos afetos	42
Figura 02 – Tetravalência do agenciamento	52
Figura 03 – Jackson Pollock durante suas composições	65
Figura 04 – Registro da performance <i>A minute of silence</i> (MoMA)	65
Figura 05 – Fragmentos da obra – <i>Genius Loci</i>	66
Figura 06 – Escala da casa	73
Figura 07 – Funcionamento da proposta metodológica	77

corpo pulsante
olfato **campo prático**
inquiétudes audição pés
Experimentações
paladar
visão **Urbanas** tato
caminhar poesia ritmo
dobraduras narrativas
singularidades

NOTAS COMPLEMENTARES

As três experimentações urbanas apresentadas não possuem uma ordem de apresentação, por isso, a escolha de qual adentrar está livre para ser guiada pelas subjetividades intercambiadas no momento. Elas são composições construídas por meio de colagens dos registros fotográficos; recortes de imagens da *internet*; narrativas do percurso; desenhos e poemas. Os Qr Codes são recursos que complementam seu atravessamento ao possibilitar que sentidos outros intensifiquem seu processo. Para que haja sua ativação é preciso estar conectado à *internet*, no caso dos dispositivos *IOS* o acesso é feito pela câmera do celular e nos *Androids* quando essa alternativa não funcionar, será preciso baixar um leitor de *QR Code*.

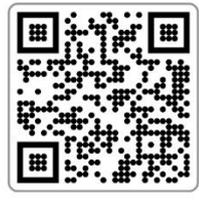


notas iniciais (inquietações)
notas iniciais (inquietações)
notas iniciais (inquietações)
Ultimamente, tenho tido muitas
Ultimamente, tenho tido muitas
Ultimamente, tenho tido muitas
Ultimamente, tenho tido muitas
Questões habitando em meus
Questões habitando em meus
pensamentos

por isso, ao chegar no ponto de partida
por isso, ao chegar no ponto de partida
por isso, ao chegar no ponto de partida
por isso, ao chegar no ponto de partida

precisei de um tempo

para se concentrar no
que havia ao meu redor...
que havia ao meu redor...



É como se
É como se
É como se
É como se
programações, afazeres e compromissos
programações, afazeres e compromissos
programações, afazeres e compromissos
programações, afazeres e compromissos
sal
saltassem tas
sem
sem
sem
em
m
m
pela minha cabeça
pela minha cabeça
pela minha cabeça
a todo momento
a todo momento
mantendo qualquer outro tipo de atenção
num plano distante,
num plano distante,
num plano distante,
num plano distante,
num depois que quase nunca
volta a ser
volta a ser
volta a ser
volta a ser

agora.

O dia estava apenas começando...
 Era possível sentir a tranquilidade em seus semblantes. Cabeças baixas, braços cruzados.
 O andar era lento e calmo...

Aparentemente,
 a cidade ainda estava
 a despertar.

Contudo, meus curtos
 passos também já
 revelavam um
 cenário
 entristecedor...

Ao longo da
 rua, amontados sacos
 de lixo expostos eram
 empilhados,
 chacoalhados,
 espalhados,
 revirados...



FOME OLHOS FRENESI FÚRIA
 IMPACIÊNCIA MÃOS RAIVA FORÇA FÚRIA
 MÃOS CASA SEDE RUA ESTRESSE OLHOS
 SOBREVIVÊNCIA INQUIETUDE CASA
 OLHOS VORACIDADE ALIMENTO
 FOME

Isolados ou
 em pequenos grupos
 A calçada transforma-se
 em morada, refúgio, abrigo...

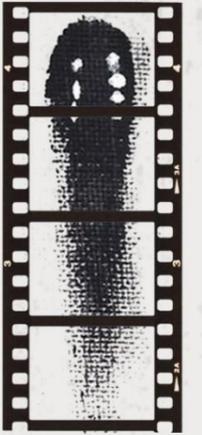


[...] corpos...
 corpos da rua
 corpos de concreto
 corpos invisíveis

que sobre(vivem)
 que resistem
 para existir

pela resiliência
 no desconhecido
 na esperança

do que os olhos expressam
 o que não é possível dizer.

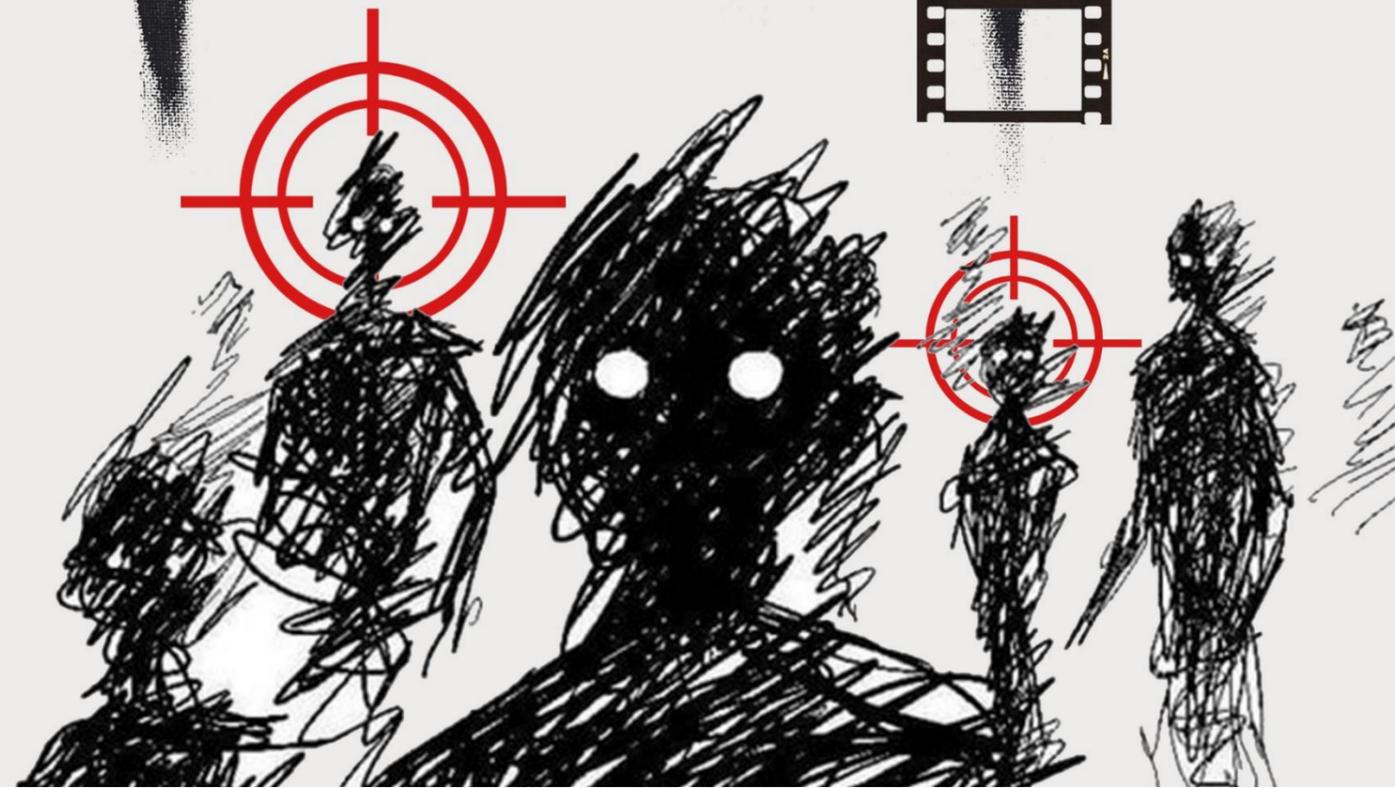
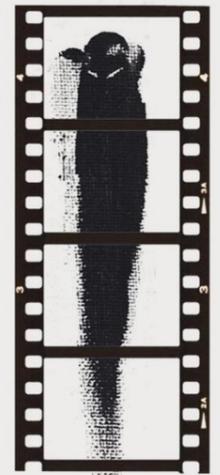


bom dia
 você pode me ajudar?

bom dia
 oi moça?

bom dia
 pode ser qualquer coisa..

bom dia
 bom dia?





O dia estava apenas começando...
 Era possível sentir a tranquilidade em seus semblantes. Cabeças baixas, braços cruzados.
 O andar era lento e calmo...
 Aparentemente, a cidade ainda estava a despertar.
 Contudo, meus curtos passos também já revelavam um cenário entristecedor...

Ao longo da rua, amontados sacos de lixos expostos eram empilhados, chacoalhados, espalhados, revirados...



FOME OLHOS FRENESI FÚRIA
 IMPACIÊNCIA MÃOS RAIVA FORÇA FÚRIA
 MÃOS SEDE RUA ESTRESSE OLHOS
 CASA SOBREVIVÊNCIA INQUIETUDE CASA
 OLHOS VORACIDADE ALIMENTO
 FOME

Isolados ou em pequenos grupos
 A calçada transforma-se em morada, refúgio, abrigo...



Os passos seguem, mas as imagens continuam reboinando em minha cabeça, sobrepondo-se, a cada mudança de direção, com novas sequências, sendo acrescentadas...



Os comércios ainda não estavam abertos o clima era gélido e o céu acinzentado...

Nun ritmo convergente vou me aproximando da via elevada e o percurso, tornando-se ainda mais inquietante...

Entre aqueles grandes prédios o vento forte soprava com pequenas gotículas de chuva contra meu rosto.

ENCOLHIDO.
 ENCOLHIDO, ENCOLHIDO, CHUVA.
 DENSO, ENCOLHIDO, ECOS.



Gritos, sussurro e barulhos de coisas arrastadas
 O barulho excêntrico dos carros ecoava com as buzinas e arrancadas entre duas vias totalmente congestionadas
 tudo era DENSO.
 BARULHO, DENSO.
 ENCOLHIDO, CARROS.

Meus olhos invasivos percorriam aquelas longas e sucessivas fileiras de barracas. Caminhando entre elas e os longos jardins de espadas de são jorge Enquanto alguns se agitavam, outros, estirados sob o chão frio permaneciam, completamente, imóveis

Minho
 Cão



Em direção ao outro lado
carros e motos
transbordavam
por aquelas pequenas ruas,
os prédios ganhavam
proporções gigantescas
afunilando os contatos,
provocando encontros,
tombadas...

motoqueiros
carros
motociclistas de
aplicativos
e até pequenos caminhões.
costuravam aquele asfalto

SEMAFORO SINAL
BUZINA BUZINA
BOLSA
AGITAÇÃO AGITAÇÃO
ALVOROÇO
REBULIÇO
CARRO DE SOM
CARRO DE SOM
CARRO DE SOM
SOM

Sob a
bruma
varrida do vento,
os arranha-céus vão
ganhando os primeiros
toques da luz do sol. A alta
verticalização dos edifícios
desenha as ondas de sua propagação com
o passar dos minutos até que todo seu
arranjo seja banhado pela sua cintilância.
O mar de concreto inunda o olhar e hipnotiza...

Enquanto isso, a massa de corpos, corpos entre
corpos, me carrega num ritmo alternado de
contrastes, formas e cores urbanas que se
movem junto dela...
Para onde vou?

Em meio a tantos
muros sólidos e
espelhados
de uma mesma
paleta de cores

UM ACALENTO....



Com
muitas
árvores,
caminhos
sinuosos e uma
pequena fonte...
Um refúgio na selva de pedra!
E ali quis me delongar
por muitos minutos...

sentado...

"Olhar, reparar tudo em volta,
sem a menor intenção de poesia.
Girar os braços, respirar o ar fresco,
lembrar dos parentes.
Lembrar da casa da gente, das irmãs, dos
irmãos e dos pais da gente.
Lembrar que estão longe e
ter saudades deles...
[...] Tirar uma folha de árvore,
ir mastigando,
sentir os ventos pelo rosto...
Sentir o sol. Gostar de ver as coisas todas.
Gostar de estar ali caminhando.
Gostar de estar assim esquecido.
Gostar desse momento.
Gostar dessa emoção tão cheia
de riquezas íntimas."

MANOEL DE BARROS¹

Cada prédio exprime um modo de se comunicar.
Carregado de detalhes, cores e formas, eles
dialogam com a imaginação para outros lugares além dali.
Ao mesmo tempo, meus olhos desenhavam
as cidades que se amalgamavam em minha mente.
E ali, por muito tempo,
permaneci...

ESTOU AQUI E LÁ:

nos edifícios, no céu que sua arquitetura reflete,
criando composições de elementos
que habitam campos alegóricos e poéticos;
entre formas que exploram cheios e vazios;
peças de tabuleiros; plasticidades e o toque
das cores, sinto-me como Marco Polo,
ao viajar pelas cidades do grande
imperador mongol...

NOTAS RÁPIDAS:

Caminhar por São Paulo,
mesmo de máscara, é está a
mercê da passividade
tabagista que te ronda sob
qualquer ocasião...

[...]
*recombino
aquela imensa
disposição de
elementos
numa inventividade
de descrições
sem fim...*

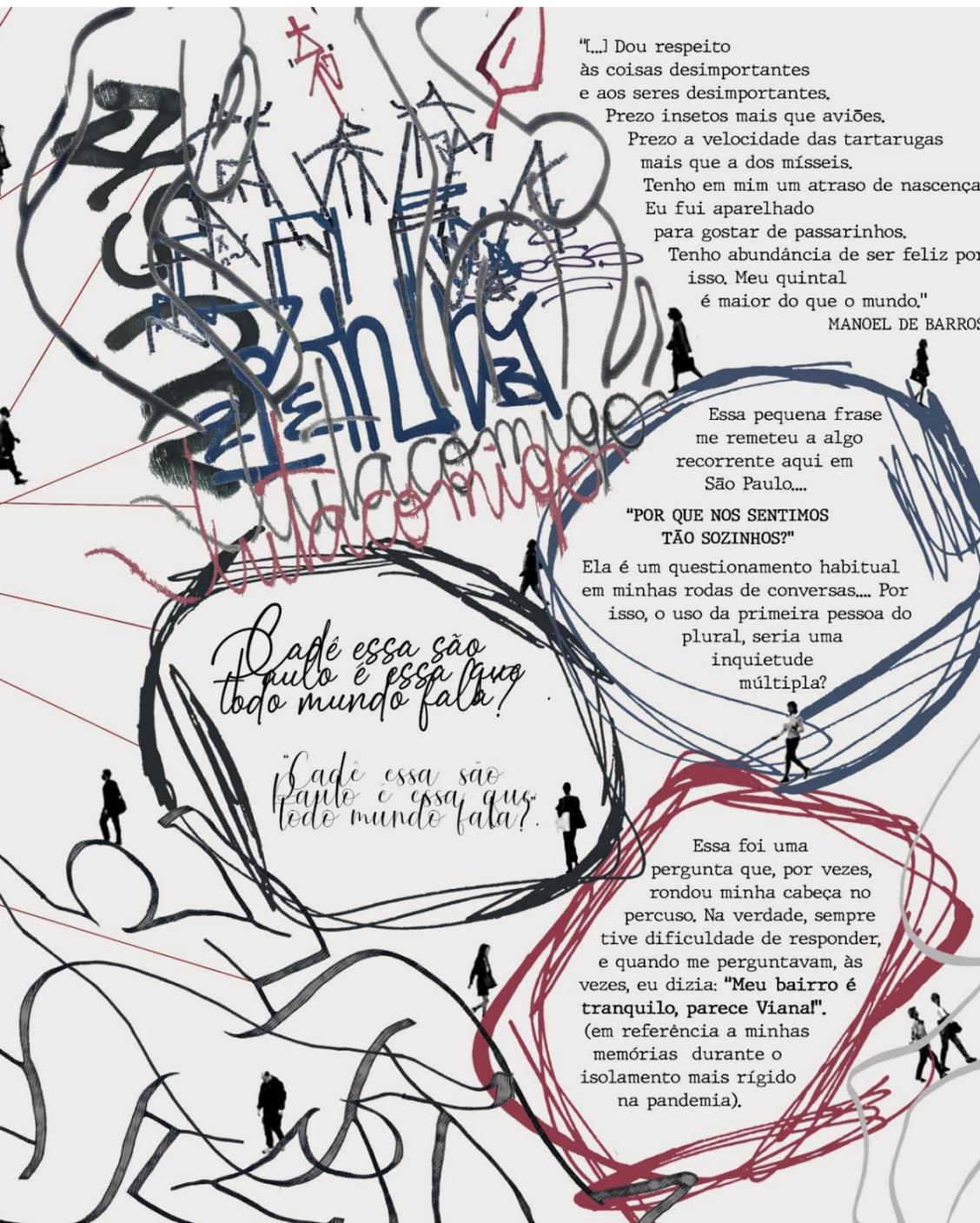
Cada prédio exprime um modo de se comunicar.
Carregado de detalhes, cores e formas, eles dialogam com a imaginação para outros lugares além dali.
Ao mesmo tempo, meus olhos desenhavam as cidades que se amalgamavam em minha mente.
E ali, por muito tempo, permaneci...



MARÉ
DE FLUXOS,
QUADRAS
JUSTAPOSTAS,
GIGANTES,
FECHADAS...

CORREDORES
QUE SE
INTERCONECTAM. UM
LABIRINTO
URBANO
ENVOLVIDO POR
CONVERSAS...

HISTÓRIAS
QUE SE
SOBREPÕEM
INVADEM A
IMAGINAÇÃO
DESPERTAM
A CURIOSIDADE...



"[...] Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que aviões. Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tenho em mim um atraso de nascença. Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso. Meu quintal é maior do que o mundo."
MANOEL DE BARROS²

Essa pequena frase me remeteu a algo recorrente aqui em São Paulo...

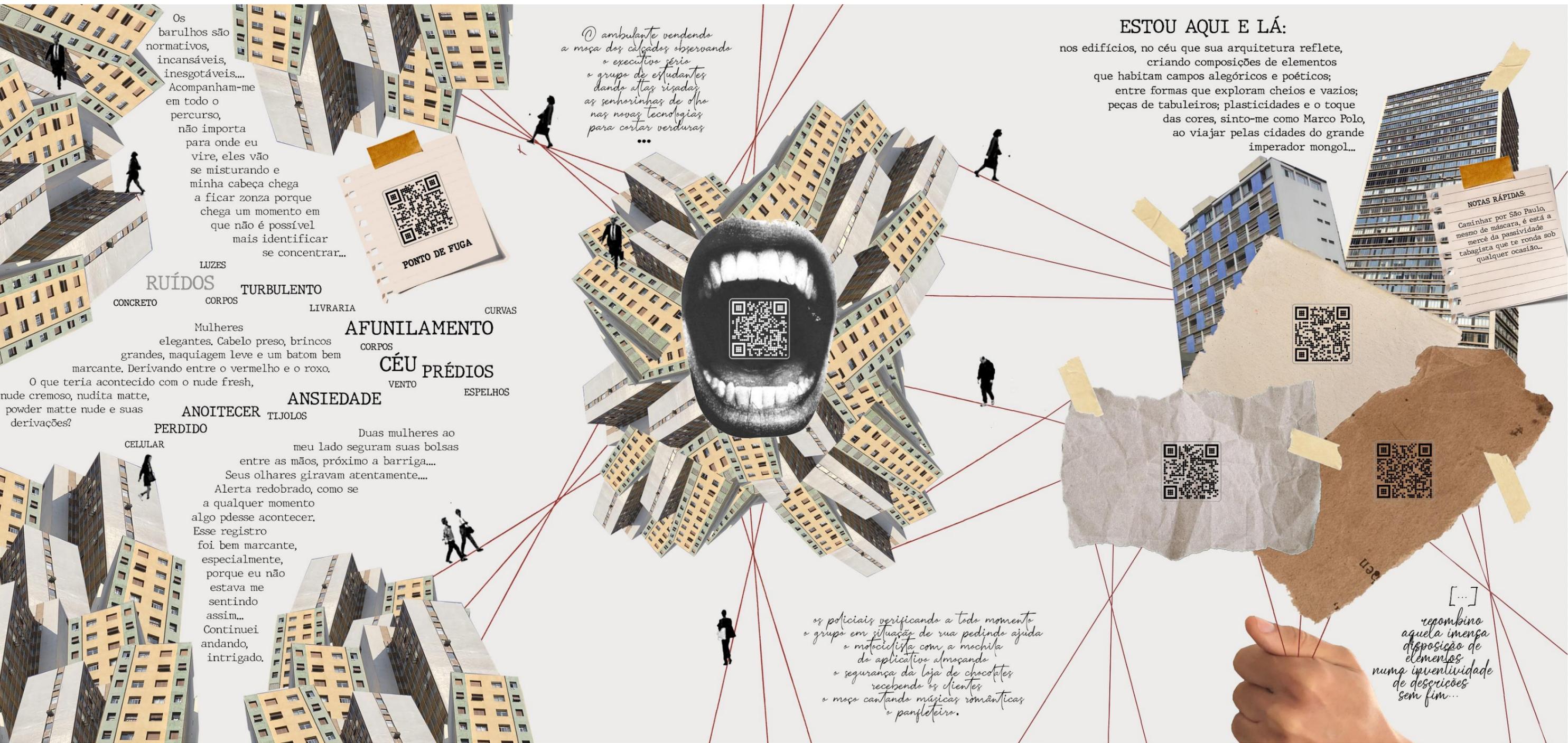
"POR QUE NOS SENTIMOS TÃO SOZINHOS?"

Ela é um questionamento habitual em minhas rodas de conversas... Por isso, o uso da primeira pessoa do plural, seria uma inquietude múltipla?

Cade essa são paulo e essa que todo mundo fala?

Cade essa são paulo e essa que todo mundo fala?

Essa foi uma pergunta que, por vezes, rondou minha cabeça no percuro. Na verdade, sempre tive dificuldade de responder, e quando me perguntavam, às vezes, eu dizia: "Meu bairro é tranquilo, parece Viana!". (em referência a minhas memórias durante o isolamento mais rígido na pandemia).



Os barulhos são normativos, incansáveis, inesgotáveis... Acompanham-me em todo o percurso, não importa para onde eu vire, eles vão se misturando e minha cabeça chega a ficar zozna porque chega um momento em que não é possível mais identificar se concentrar...

o ambulante vendendo a moça dos calçados observando o executivo sério o grupo de estudantes dando altas risadas as senhorinhas de olho nas novas tecnologias para cortar verduras ...

ESTOU AQUI E LÁ:
nos edifícios, no céu que sua arquitetura reflete, criando composições de elementos que habitam campos alegóricos e poéticos; entre formas que exploram cheios e vazios; peças de tabuleiros; plasticidades e o toque das cores, sinto-me como Marco Polo, ao viajar pelas cidades do grande imperador mongol...

NOTAS RÁPIDAS:
Caminhar por São Paulo, mesmo de máscara, é está a mercê da passividade tabagista que te ronda sob qualquer ocasião...

PONTO DE FUGA

RUÍDOS TURBULENTO
CONCRETO CORPOS LIVRARIA CURVAS
AFUNILAMENTO
CORPOS
CÉU PRÉDIOS
VENTO ESPELHOS

O que teria acontecido com o nude fresh, nude cremoso, nudita matte, powder matte nude e suas derivações?

ANSIEDADE

ANOITECER TIJOLOS
PERDIDO
CELULAR
Duas mulheres ao meu lado seguram suas bolsas entre as mãos, próximo a barriga... Seus olhares giravam atentamente... Alerta redobrado, como se a qualquer momento algo pdesse acontecer. Esse registro foi bem marcante, especialmente, porque eu não estava me sentindo assim... Continuei andando, intrigado.

os policiais verificando a todo momento o grupo em situação de rua pedindo ajuda o motociclista com a mochila do aplicativo almocando a segurança da loja de chocolates recebendo os clientes a moça cantando músicas românticas e panfleteiro.

[...]
recombino aquela imensa disposição de elementos numa inventividade de descrições sem fim...



Os barulhos são normativos, incansáveis, inesgotáveis... Acompanham-me em todo o percurso, não importa para onde eu vire, eles vão se misturando e minha cabeça chega a ficar zozna porque chega um momento em que não é possível mais identificar se concentrar...

RUÍDOS
CONCRETO TURBULENTO
CORPOS LIVRARIA CURVAS

Mulheres elegantes. Cabelo preso, brincos grandes, maquiagem leve e um batom bem marcante. Derivando entre o vermelho e o roxo.

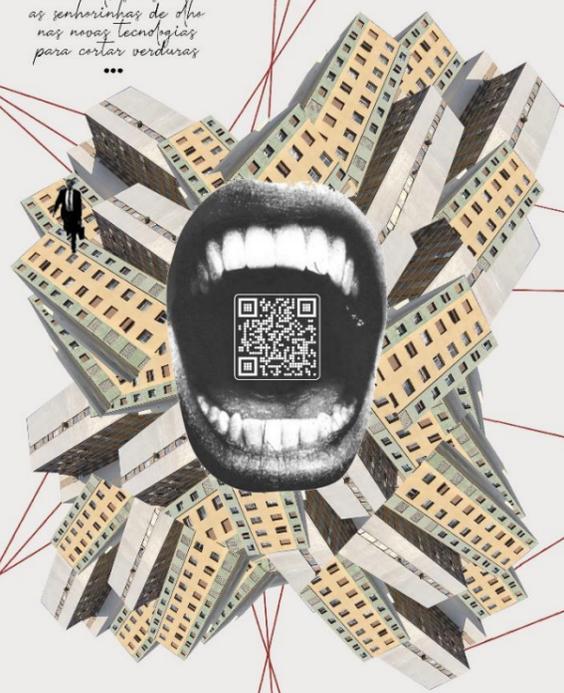
O que teria acontecido com o nude fresh, nude cremoso, nudita matte, powder matte nude e suas derivações?

ANSIEDADE
ANOITECER TIJOLOS
PERDIDO

CELULAR

Duas mulheres ao meu lado seguram suas bolsas entre as mãos, próximo a barriga... Seus olhares giravam atentamente... Alerta redobrado, como se a qualquer momento algo pdesse acontecer. Esse registro foi bem marcante, especialmente, porque eu não estava me sentindo assim... Continuei andando, intrigado.

o ambulante vendendo a moça das calçadas observando o executivo preso o grupo de estudantes dando altas risadas as senhorinhas de olho nas novas tecnologias para cortar verduras...

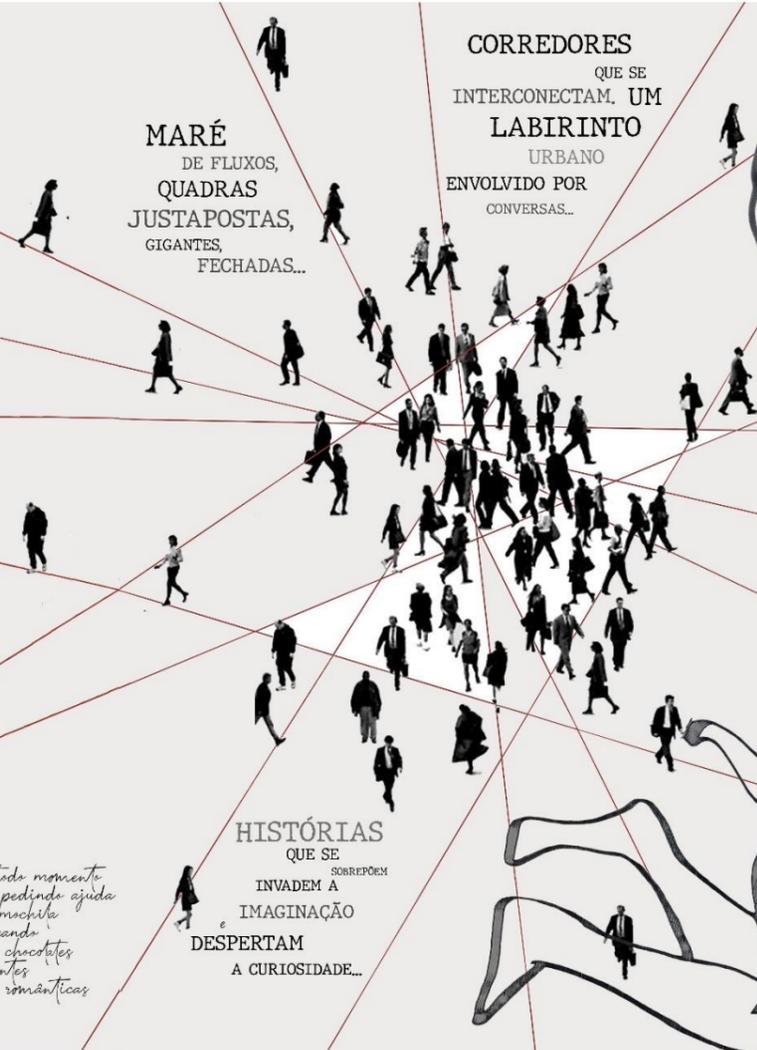


os policiais verificando a todo momento o grupo em situações de rua pedindo ajuda e motociclista com a mochila de aplicativos abrindo a segurança da loja de chocolates recebendo os clientes a moça cantando músicas românticas e panfleteira.

MARÉ
DE FLUXOS,
QUADRAS
JUSTAPOSTAS,
GIGANTES,
FECHADAS...

CORREDORES
QUE SE
INTERCONECTAM, UM
LABIRINTO
URBANO
ENVOLVIDO POR
CONVERSAS...

HISTÓRIAS
QUE SE
INVADEM A
IMAGINAÇÃO
DESPERTAM
A CURIOSIDADE...



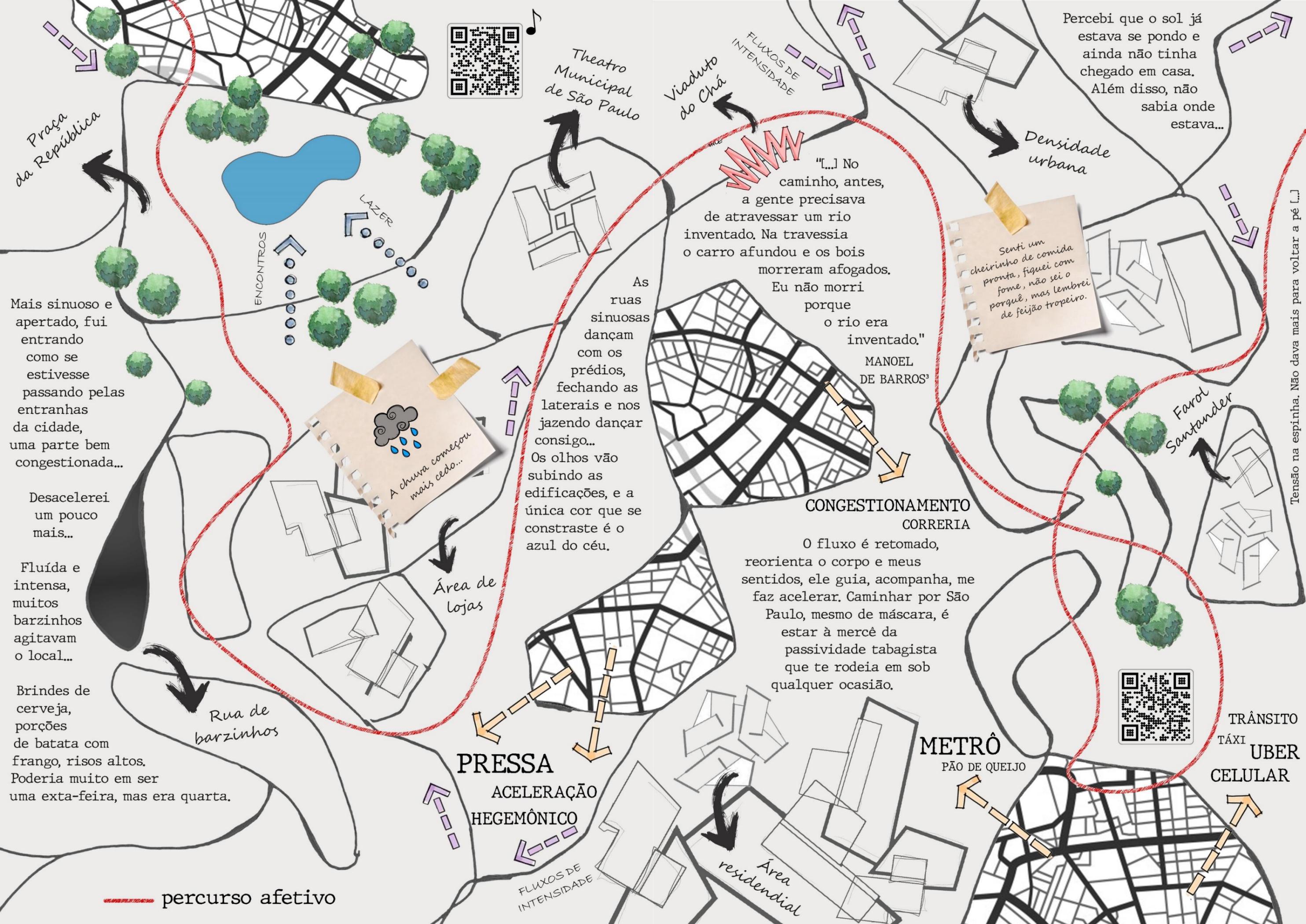
"... Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que aviões. Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tenho em mim um atraso de nascença. Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso. Meu quintal é maior do que o mundo."
MANOEL DE BARROS

Essa pequena frase me remeteu a algo recorrente aqui em São Paulo...
"POR QUE NOS SENTIMOS TÃO SOZINHOS?"
Ela é um questionamento habitual em minhas rodas de conversas... Por isso, o uso da primeira pessoa do plural, seria uma inquietude múltipla?

Quê é essa são Paulo e essa que todo mundo fala?

Quê é essa são Paulo e essa que todo mundo fala?

Essa foi uma pergunta que, por vezes, rondou minha cabeça no percurso. Na verdade, sempre tive dificuldade de responder, e quando me perguntavam, às vezes, eu dizia: "Meu bairro é tranquilo, parece Viana". (em referência a minhas memórias durante o isolamento mais rígido na pandemia).



Praça da República



Theatro Municipal de São Paulo

Viaduto do Chá

FLUXOS DE INTENSIDADE

Percebi que o sol já estava se pondo e ainda não tinha chegado em casa. Além disso, não sabia onde estava...

Densidade urbana

Senti um cheirinho de comida pronta, fiquei com fome, não sei o porquê, mas lembrei de feijão tropeiro.

"[...] No caminho, antes, a gente precisava de atravessar um rio inventado. Na travessia o carro afundou e os bois morreram afogados. Eu não morri porque o rio era inventado."
MANOEL DE BARROS'

As ruas sinuosas dançam com os prédios, fechando as laterais e nos jazendo dançar consigo... Os olhos vão subindo as edificações, e a única cor que se constraste é o azul do céu.

CONGESTIONAMENTO CORRERIA

O fluxo é retomado, reorienta o corpo e meus sentidos, ele guia, acompanha, me faz acelerar. Caminhar por São Paulo, mesmo de máscara, é estar à mercê da passividade tabagista que te rodeia em sob qualquer ocasião.

Farol Santander

Tensão na espinha. Não dava mais para voltar a pé [...]

Mais sinuoso e apertado, fui entrando como se estivesse passando pelas entranhas da cidade, uma parte bem congestionada...

Desacelerei um pouco mais...

Fluída e intensa, muitos barzinhos agitavam o local...

Brindes de cerveja, porções de batata com frango, risos altos. Poderia muito em ser uma exta-feira, mas era quarta.

A chuva começou mais cedo...

Área de lojas

Rua de barzinhos

PRESSA ACELERAÇÃO HEGEMÔNICO

FLUXOS DE INTENSIDADE

Área residencial

METRÔ PÃO DE QUELJO



TRÂNSITO TÁXI UBER CELULAR

percurso afetivo

NOTAS REFERENCIAIS:

¹ BARROS, Manoel. **O livro das ignorâncias**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 1ªed., 2016.

² Idem, ibidem.

³ _____. **O meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 1ªed., 2016.

⁴ CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad.: Diogo Mainar.. São Paulo: Companhia das letras, 1972.

⁵ DO RIO, João. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

⁶ Idem, ibidem.

⁷ Trecho retirado do 'Projeto Invisíveis: Moradores de rua' inserido no áudio. Disponível em:

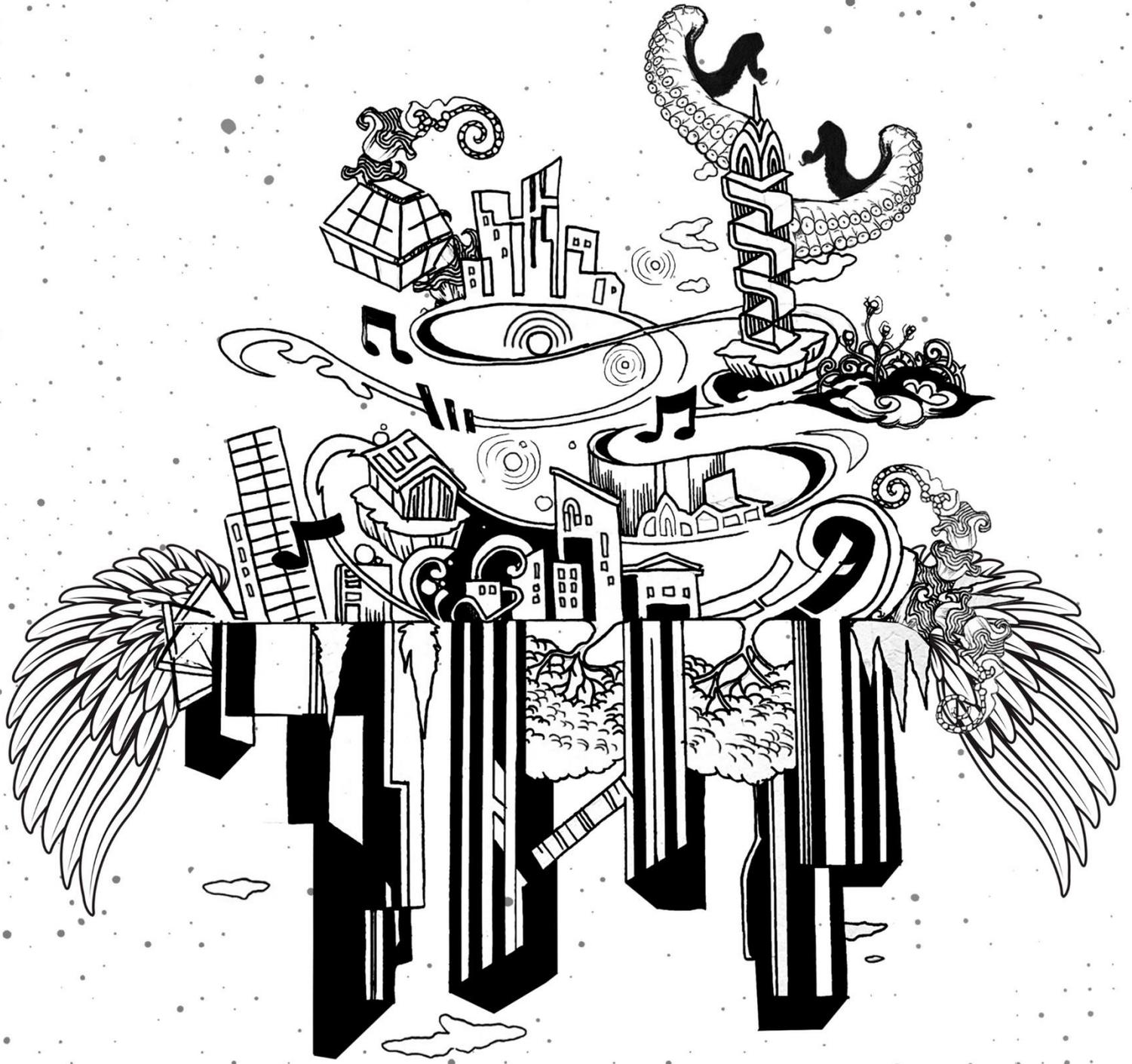
< <https://www.youtube.com/watch?v=Y5-fDL4rXO0> >. Acesso em 13/10/2022

⁸ Notícia retirada da página Gazeta SP. Disponível em: < <https://www.gazetasp.com.br/estado/santa-cecilia-e-o-bairro-com-mais-moradores-em-situacao-de-rua-na/1117740/> >. Acesso em 18/10/2022

⁹ Notícia retirada da Seade SP. Disponível em: < <https://www.seade.gov.br/coronavirus/> >. Acesso em 21/10/2022

¹⁰ Vídeo retirado do *Youtube*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=OOCG-DzVsCw> >. Acesso em 05/01/2023

¹¹ Música retirado do *Youtube*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=zpzoG5KGaHg> >. Acesso em 05/01/2023



Difícil
fotografar o silêncio.
Entretanto tentei.

Eu conto:

Madrugada, a minha aldeia
estava morta.

Não se via ou ouvia um barulho,
ninguém passava entre as casas.

Eu estava saindo de uma festa.

Eram quase quatro da manhã.

Ia o silêncio pela rua carregando um
bêbado. Preparei minha máquina.

O silêncio era um carregador?

Estava carregando o bêbado.

Fotografei esse carregador.

Tive outras visões naquela madrugada.

Preparei minha máquina de novo.

Tinha um perfume de jasmim
no beiral do sobrado.

Fotografei o perfume. Vi uma

lesma pregada na existência
mais do que na pedra.

Fotografei a
existência
dela.

Manoel de Barros



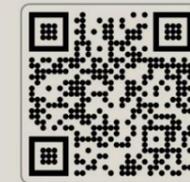
Parte
de mim vive
longe e
distante daqui...

E outra parte de mim
sobrevive aqui...

Eu quero ficar aqui
mas as vezes quero partir...

Parte de mim se revela
em minhas impressões...

E outra parte de mim
eu guardo só
para mim...



PRACA FRANKLIN
ROOSEVELT



*Por que ruas tão largas?
Por que ruas tão retas?
Meu passo torto
foi regulado pelos becos tortos
de onde venho.
Não sei andar na vastidão simétrica
implacável.
Cidade grande é isso?
Cidades são passagens sinuosas
de esconde-esconde
em que as casas aparecem-
desaparecem
quando bem entendem
e todo mundo
acha normal.
Aqui tudo é exposto
evidente
cintilante. Aqui
obrigam-me a
nascer de novo
desarmado.*

Carlos Drummond



*Por que ruas tão largas?
Por que ruas tão retas?
Meu passo torto
foi regulado pelos becos tortos
de onde venho.*



Caminho grafias



FILA
GENTE CALDO DE CANA
03 POR R\$10,00
PASTEL DE VENTO
PROMOÇÃO TAPIOCA
PAGODE GRITARIA MANDIOCA
BANANA PEIXE FILÉ DE FRANGO
PIMENTA CUSCUZ



KIMON
GULIMAR

Ao final de duas quadras,
próximo à entrada do metrô,
o trânsito havia sido
interrompido para a montagem
de uma feira local.
A entrada estava tomada de
opções de pasteis e caldos,
entendi como um mantra,
já que todos paravam ali
e somente, depois disso,
seguiam às compras...

A moça de boné vermelho de mãos dadas com o namorado,
trocavam risos, caminhavam, tiravam fotos

o senhorzinho pedalava sorrindo,
os meninos corriam sob o sol quente
enquanto aquele outro tomava sol de sunga durante a leitura,

crianças corriam com seus cães entre
bicicletas e patins
o senhor de chapéu azul, sentado e
de óculos escuros - era enigmático

as obras de artes projetadas nas laterais
davam cores vivas ao percurso
saturavam os cinzas com novos tons da paleta urbana
a densidade, o calor do concreto, o reflexo da luz no chão
as ondas de varandas

caminhos
grafias
minhas caminhografias
de uma tarde de domingo



No meio
daqueles conjuntos
de barracas verde terracota,
laranja mexerica e preta
desgastada...

Eu parecia ter sido teletransportando
para uma nova cidade.

O andar apertado,
limitado pelo comércio
e rodeado por informações
que eram são lançadas
deixava tudo ainda mais confuso,
mas também, confesso,
dei boas
risadas...

[...] Elas batiam palmas
a cada demonstração
de suas máquinas tecnológicas
de cortar e descascar verduras
que apenas com um único
movimento
realizava fatias firmes,
arrancando suspiros,
risadas e
convicções...



A feira fundia-se
com outras partes da cidade.
Uma delas, conectava-se com o
viaduto elevado. Em cima dele,
era possível contemplar,
toda aquela imensidão...

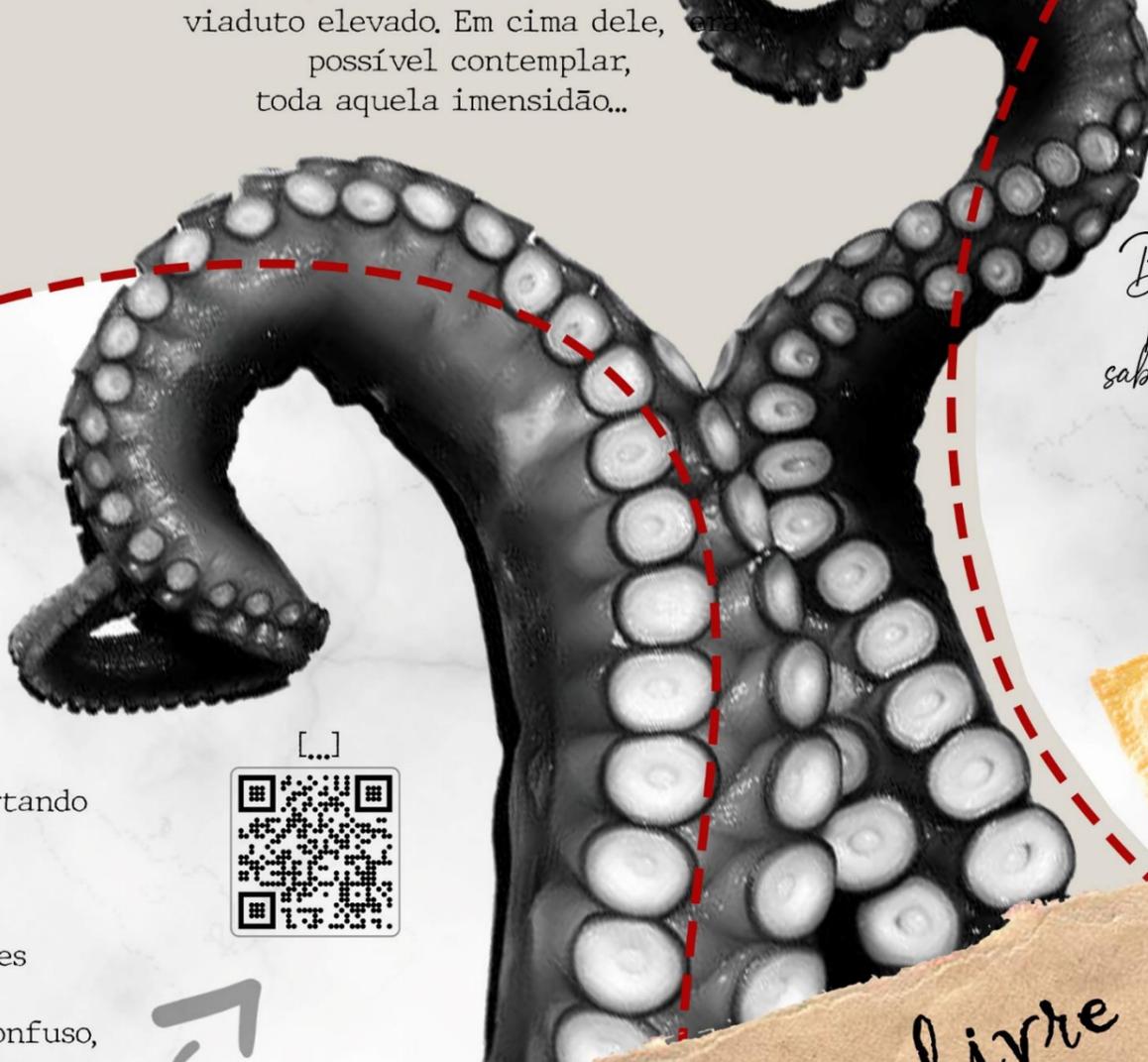
moça da
barraquinha:

Bom dia hoje o
pastel será de qual
sabor? Olá querido vamos com
um pastel hoje?
O caldo é com ou sem leite?
Ah tem saladinha t...
você vai querer...



feira - livre

EU SABIA
QUE VOCÊ
EXISTIA



AQUI (e agora)

tenho a sensação
de que os domingos aqui
são como um evento cultural.
É barzinho, acarajé,
floricultura, tapiocaria,
japonês e cuscuzeira [...]

[...] um ao lado do outro,
você escuta português,
inglês, espanhol
e até outras línguas
que nem consegui
identificar.
São tantas
intensidades juntas,
numa mesma calçada,
isso me faz

Nesse
trajeto,
de poucos metros,
avistei-as,
na verdade, sempre
estiveram lá,
pequenas e
com tantos
detalhes...

PT
BR **TRANSBORDAR**
EN
US **OVERFLOW**
ES
ES **DESBORDAR**

MINHA'S VIANAS

Sol forte,
rua tumultuada
eu gosto dos domingos daqui
eles nunca são como os que eu
já conheci...

*Todo mundo parece sair de casa
ao mesmo tempo para fazer ou
resolver alguma coisa...*

Uma opção sempre requisitada
nesses almoços era o galeto com
farofa e vinagrete, com todos
ao redor da mesa, conversando
mais alto
do que a televisão.
Desde que cheguei,
foi a primeira vez que
vou ao encontra dessa
lembrança...

*[...] olhar para o alto
e ter a chance de
ver um pouquinho
daquilo
que diariamente
nos passa
desapercibido ...*

*Os domingos,
em minhas memórias,
são pacatos e silenciosos.
Ruas tão desertas
ao ponto de ouvir
o vento soprando.
As vezes,
a calma e o sossego
eram até demais...*

*mão?
também
?*



PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA APARECIDA - VIANA (ES)



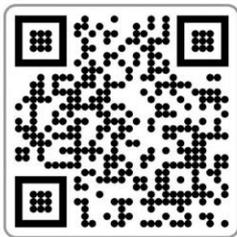
NOTAS REFERENCIAIS:

- ¹ BARROS, Manoel. **Ensaaios Fotográficos**. Rio de Janeiro:Record, 2000.
- ² ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.
- ³ Vídeo retirado do *Youtube*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=tlafUgqiHSw> >. Acesso em 15/01/2023
- ⁴ Música retirado do *Youtube*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=UxvTdW9CLfI> >. Acesso em 16/01/2023
- ⁵ Notícia retirada da página Veja SP. Disponível em: < <https://vejasp.abril.com.br/cidades/parque-augusta-praia-paulistana/> >. Acesso em 16/01/2023

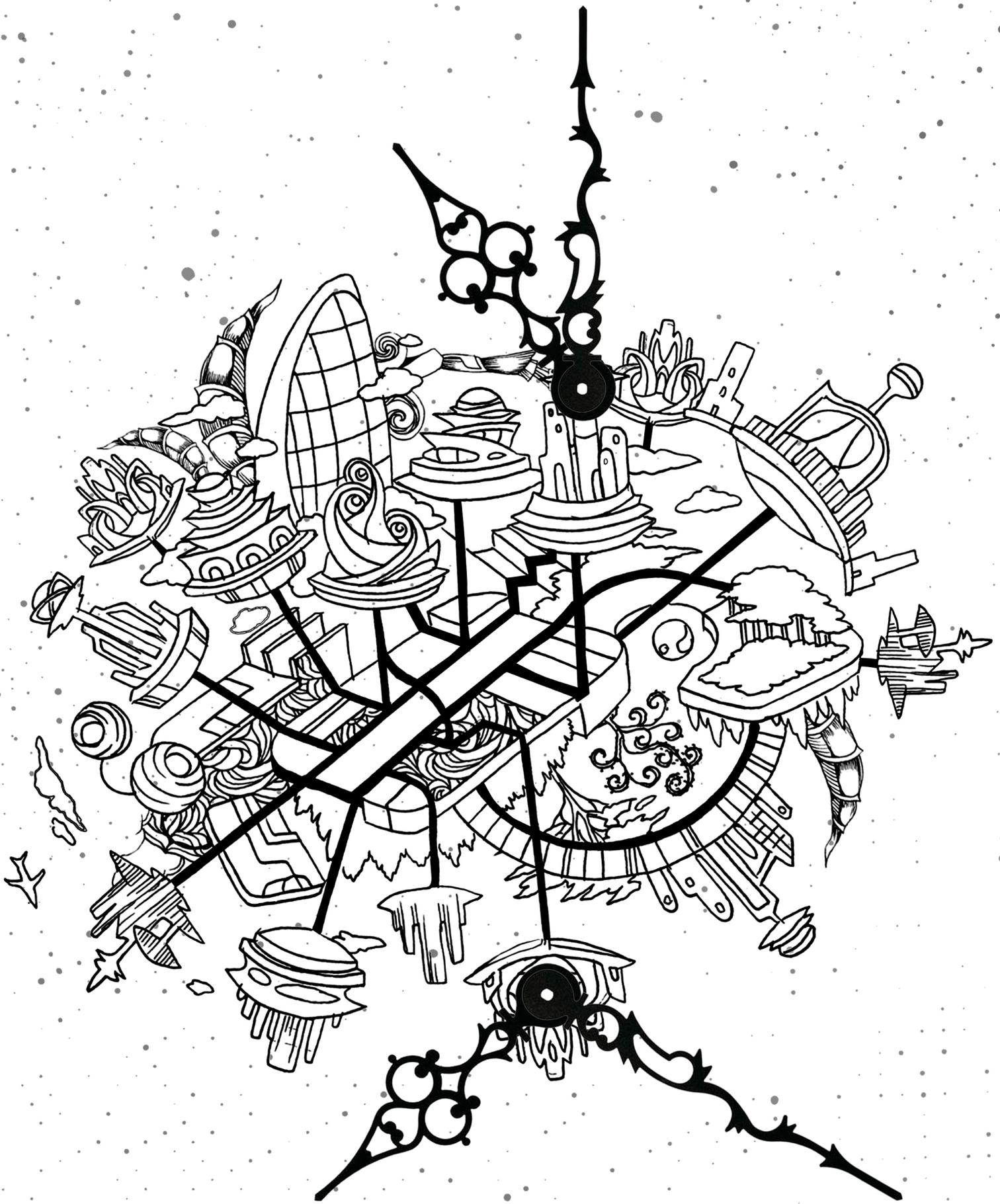


ringing!!

ringing!!

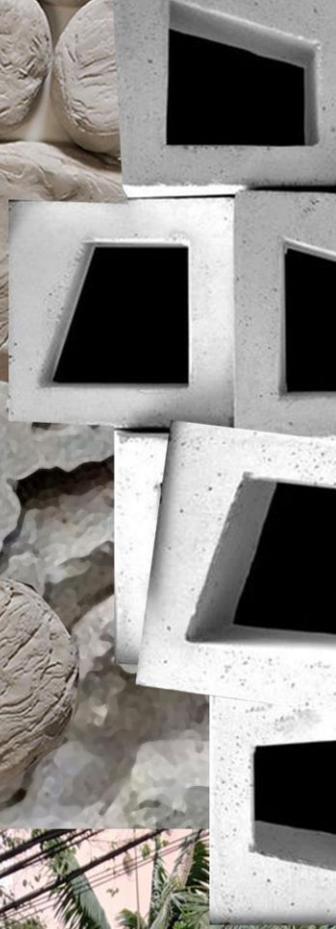




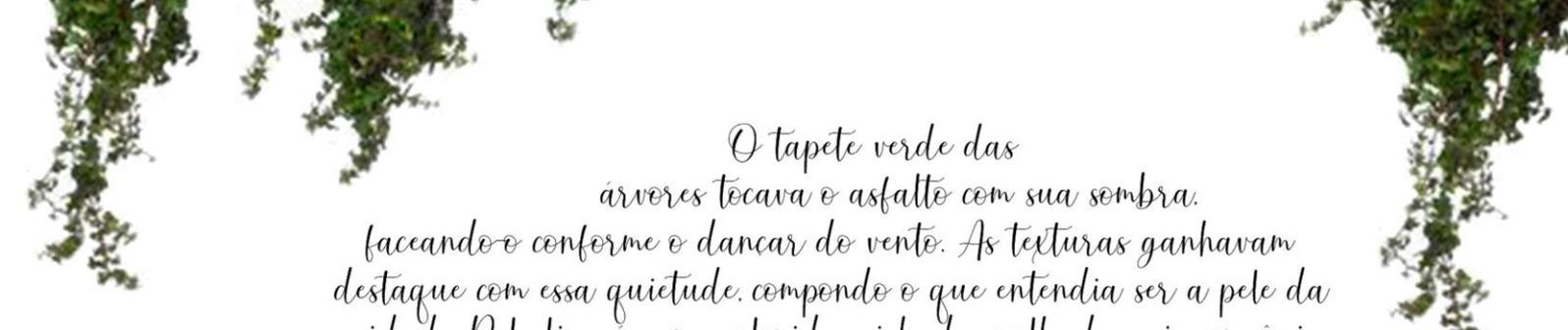












O tapete verde das
árvores tocava o asfalto com sua sombra,
fazendo-o conforme o dançar do vento. As texturas ganhavam
destaque com essa quietude, compondo o que entendia ser a pele da
cidade. Pele lisa, áspera, colorida, pichada, molhada, suja, orgânica,
espelhada, quebradica, polida... Era fusão, cisão, mesclagem, composição de
um espectro sensorial infinito de possibilidades...

A amplitude destacava o que era preciso parar para
ver, ouvir, tocar e sentir. Os pássaros ao fundo, reiteravam esse
destaque que faço, já que, por alguns instantes esqueci que estava no
centro de São Paulo comendo um coco na praça com as mãos. Reflexivo,
permaneci ali observando o relógio que, a todo momento, lembrava-me
internamente de que o dia tinha hora para acabar.

Nessas deambulações de subidas e descidas, a selva de pedra
imponente munia-se de suas pequenas partes para mostrar-se pela
imensidão dos caminhos. Contudo, seus contornos ocupados por conversas
de celulares, buzinas, barulhos de trânsito e passos apressados
desfocavam daqueles, o que ela lhe poderia proporcionar.
Um caminhar construído pelas miudezas.

NOTAS







NOTAS REFERENCIAIS:

¹ BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Relógio D'água, 2016.

² Vídeo retirado do *Youtube*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=9Sqm22Uy0nM> >.
Acesso em 15/01/2023

³ QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. **Do sensível, poesia: outros modos de grafar o mundo**. Vitória: Editora Mil Fontes, 2019.



campos inexplorados

arquiteto-pesquisador variação

São Paulo

mestrado

convite

afetos criativos

doutoramento

d **i** **Z** **E** **r**

hegemônico

introdução

processo

fauusp

C **i** **d** **A** **D** **e** **(s)**

rizoma

partilha

encontros **como entrar na tese?**

pandemia

coexistências potências

narrativas

trajetórias

Os escritos desta pesquisa se iniciam a partir do seu cruzamento com uma jornada que já vinha sendo re[construída] desde o mestrado. Faço esse destaque porque ele consistiu em compreender como minha cidade natal Viana Centro, no Espírito Santo, já consolidada em meu citadino, poderia ser percebida de outra maneira, como cidade dos afetos.

A fim de experimentar outras possibilidades, concebi as ‘Minhas Vianas’¹ (Figura 1) como formas de contar sobre ela que não reproduzissem as narrativas automatizadas das minhas vivências. Essa primeira imersão ajudou a investigar núcleos de sociabilidade e indiferença urbanos atravessados pelos registros afetivos que me eram despertados. Desse processo, muitas inquietações foram manifestadas e tornaram-se o motor propulsor do doutoramento.



Figura 1: Capa do livro “Minhas Vianas”: a cidade como lugar dos afetos

Fonte: (PIMENTA, 2021)

Desenvolve-lo na área de concentração de Projeto, Espaço e Cultura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP devido a abertura em explorar a cidade interdisciplinarmente correlacionando meus

¹ A dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) intitulada: “**Minhas Vianas**”: a cidade como lugar dos afetos foi premiada pela Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo – SECULT-ES e tornou-se livro por meio do edital nº 18/2019 com lançamento em maio de 2021.

objetivos acadêmicos com diferentes áreas do conhecimento que ressoarão na minha escrita como arquiteto-pesquisador.

Logo, ao chegar à São Paulo, tive como primeira impressão a sensação de alerta. Fosse na rua da minha casa ou ao virar uma esquina, meus sentidos permaneciam vigilantes. Por sempre ter vivido no interior, senti meu corpo sem orientação em meio a tantos fluxos e variações coexistindo em tão curtos passos. Abaixo, descrevo brevemente sobre esse espectro de intempestividades:

Coreanos, judeus, sulistas, paulistas, mineiros... Prédios modernos e antigos, lado a lado, com escalas ampliadas a ponto de ser preciso inclinar a cabeça para enxergar seu fim, isso quando não sobrepostos por pichações que demandavam mais tempo de observação. Ao fundo, um viaduto como local de lazer, passagem e moradia; vias cheias de carros, motos, bicicletas e patins; ambulantes, moradores de rua, movimentações na calçada em massa, passos rápidos, ofegantes, celulares à mão; sinal vermelho, buzina; sinal verde, arrancadas; cruzamentos dos estilos *rock*, gótico, casual, chique, anos 70, *smoking*, esportivo... Cafeterias, comida indiana, árabe, italiana, vietnamita.... Ah! E um boteco no final da rua...

Como premissa, adotei o caminhar em todas as atividades urbanas, opção essa advinda do mestrado, quando me deslocava dessa maneira nas proposições práticas. Almejando seu aprofundamento, decidi continuá-lo ao considerar que cada pessoa ao imprimir sua velocidade, afeta e é afetada de uma maneira diferente.

Contudo, duas semanas após, o cenário mundial se transformou com as notícias sobre o novo coronavírus (Covid-19) e abruptas mudanças se impuseram, agora a todos. As transformações urbanas e sanitárias impostas pela pandemia reestruturaram os espaços de vida requerendo deles novas condições do habitar.

Em poucas semanas, várias ações rotineiras foram modificadas e até o próprio ato de entrar em casa exigiu protocolos de segurança. A relação com o mundo passou a ser mediada pelas discussões acerca de um cenário pautado por taxas de transmissibilidade, letalidade e novos meios de convívio social.

Marcada por medidas de distanciamento e isolamento, com o objetivo de amenizar os efeitos do vírus, uma acentuada migração das atividades presenciais passou a ocorrer para o digital no enfrentamento dessas novas condições, reforçando o quão híbrido estávamos nos tornando. Enquanto os meios de comunicação intensificavam os fluxos de informações sobre o estado pandêmico, sair de casa fazia-

se somente para atividades caracterizadas como essenciais, e mesmo assim, marcadas por medo e insegurança.

Sob o peso das tarefas domésticas, profissionais e acadêmicas uma sensação de esgotamento cresceu neste corpo. Essa realidade implicou na reconfiguração da pesquisa de lançar-se na cidade, visto que, os únicos contatos admissíveis decorriam-se do enquadramento das janelas ora digitais ora do quarto.

Durante um ano e meio, residindo num apartamento de quarenta e cinco metros quadrados, observei que havia constituído uma familiarização com essa escala reduzida, da qual chamei de escala da casa. Além disso, ainda carregava os sentimentos de ser um estrangeiro em São Paulo, uma vez que, minhas atividades diárias encontravam-se restringidas desde que havia chegado.

Luiz Fuganti² explica que o corpo é composto por uma pluralidade de forças qualificadas como reativas ou ativas. Ambas desencadeiam distintas potências sendo a primeira caracterizada por uma tendência de obediência e conservação da ação; enquanto a segunda inventa, gera algo inédito modificando as condições e a si próprio, é uma força de criação.

Diante disso, os delineamentos da tese surgem a partir dessa noção de re[captura] por um cidadão automatizado e solitário, só que agora não de maneira generalizada como em Viana, mas sim do meu corpo, do corpo-pesquisador confinado produzindo mais afetos reativos do que criativos.

Essa situação me recordou o relato de Chimamanda Adichie quando diz já ter sido capturada pelo hegemônico mais de uma vez. Ela conta que quando se mudou para os Estados Unidos, os debates políticos sobre a imigração estavam em alta, e estabeleceu que eles haviam se tornado sinônimo de mexicanos. Porém, somente quando visitou a cidade de Guadalajara – México e presenciou os risos, costumes e vivências dos moradores locais, percebeu que: “(...) tinha estado tão mergulhada na cobertura da mídia sobre os mexicanos que eles haviam se tornado uma coisa só (...) Eu tinha acreditado na história única dos mexicanos”³.

Essas leituras múltiplas sobre o espaço alimentam um processo de reflexão e problematização dos jogos de poder de uma perspectiva espacial que se pretende

² FUNGATI, Luiz. **Corpo em devir**. Revista Sala Preta, n.7, 2007.

³ Trecho retirado da palestra **O perigo da história única** conferida por Chimamanda Adichie ao programa TED Talk em 2009. Disponível em: < https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story >.

única. De acordo com Adichie “(...) quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso”⁴.

Nessa esteira do pensamento, Doreen Massey também questiona tais influências para perceber o espaço de outra maneira. Para ela, “deveríamos substituir a história única por muitas”⁵ e trabalhar com um mundo que considere diversas trajetórias coexistentes. Tal afirmação enseja problematizar essa centralidade ao proporcionar que uma simultaneidade de narrativas tome vulto e que cada uma delas se coconstitua. Esse ponto de vista nos convida a pensar o espaço da cidade como “simultaneidade de histórias-até-agora”⁶, uma construção relacional que produz aberturas a todo momento.

Assim, coloco em questão a negociação interna da cidade, pois, busco entrar em contato com um espaço urbano que promova experiências: um urbanismo feito de espacialidades intensivas a partir de quem a ele se expõe.

Essa perspectiva vai ao encontro do que Deleuze e Guattari revelam durante o processo de produção conjunta do livro *Mil Platôs*, que, apesar de serem dois, eles também eram vários, operando numa metamorfose contínua em movimentos de fuga. Esse cruzamento permitiu que a multiplicidade rangesse o papel na hora de escrever, para regiões ainda por virem, ecoando como um convite à experimentação.

E é mediante esse campo processual que corta a obra dos autores que assumo a variação para que outros modos de ser, ler e fazer com a cidade se tornem latentes, sobretudo, no encontro de nervuras, linhas e entrelinhas até “tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar”⁷.

Meu encanto pela cidade vem da arquitetura e do urbanismo, por isso, conceber a pesquisa a partir deste viés faz-se tão importante, para que sejam ampliadas suas reflexões. Delineio, então, uma abordagem que investigue modos de experimentar a cidade para variar minhas narrativas corporais que não sejam replicadores desse hegemônico que se estabeleceu na pandemia.

⁴ Trecho retirado da palestra **O perigo da história única** conferida por Chimamanda Adichie... Op. Cit.

⁵ MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad.: de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p.36.

⁶ Idem, ibidem, p.29.

⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2**. Volume 01. Trad.: de Aurélio Guerra Neto; Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão e Suelly Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2º ed., 2011, p.17.

Diante disso, a pergunta norteadora que se apresenta nesta tese é: *como experimentar diferentes maneiras de se expor a cidade para produzir outras formas de narrar e potencializar afetos criativos através da variação do meu corpo na experiência cidadina?*

Procuro, inspirado pelas palavras de Renata Aspís, construir “modos de existir, insistir em existir, re-existir”⁸ na cidade para descobrir o que há de potente na multiplicidade e exprimir modos de narrar e agir sobre ela. Para isso, recorro a potente ideia do rizoma⁹ que se compõe por meio de uma experimentação intervalar.

Segundo Deleuze “pensar, nas coisas, entre as coisas é justamente criar rizomas e não raízes”¹⁰. Ao brotar das fendas do concreto maciço e nos mais repentinos lugares, ele expande-se em todas as direções para decifrar suas lógicas locais; cresce ligando pontos heterogêneos, reconstituindo-se em novas linhas. A cidade, sob esse ponto de vista, transforma sua ‘natureza’ à medida em que vai aumentando seus acoplamentos, revelando-se um estímulo do e para o desvio, ao compor um espaço-tempo fragmentado que se corta com o mundo, se entrelaça com ele e se instala em alguma relação.

Esta é, pois, minha proposta: alinhar a ideia de rizoma, “[...] estrutura de passagens repleta de confusões métricas, um labirinto com múltiplas entradas e saídas, sem começo, nem fim, nem centro, nem periferia”¹¹, com um processo de escrita experimental do e pelo corpo que se faça pelos contingenciamentos. Ao variar as entradas, varia-se o caminhar, os encontros e a maneira de se expor. O ‘dizer’ torna-se uma consequência do entendimento de cidade a partir do rizoma, portanto, exprime a potência para que sejam criados diferentes modos de dizer-cidade(s).

As posições, aos diluírem-se em linhas, percorrem campos inexplorados, isto é, linhas de fuga que funcionam como potentes amplificadores de afetos e sensações (urbanas). Tais linhas são, antes de tudo, a “variação que afeta cada sistema impedindo-o de ser homogêneo”¹². Essa variação ativa e criadora gera a fuga para territórios inimagináveis e produz transformações improgramáveis. “A linha de fuga é

⁸ ASPIS, Renata Lima. **Resistência e Confabulação**. In: Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e... Petrópolis, RJ; De Petrus; Brasília, DF: CNPQ; Campinas ALB, 2011, p. 73.

⁹ Lógica de pensamento construída por Deleuze e Guattari em sua obra conjunta Mil Platôs, volume 01.

¹⁰ DELEUZE, Gilles. **Diálogos: Gilles Deleuze – Claire Parnet**. Trad.: Eloisa Araújo. São Paulo: Escuta, 1998, p.22.

¹¹ Trecho retirado da entrevista entre Alexander Kluge e Joseph Vogl. Disponível em < <https://youtu.be/2k-wWziPk-g> >.

¹² DELEUZE, Gilles. **Diálogos: Gilles Deleuze – Claire Parnet**... Op. Cit., p.5.

uma desterritorialização”¹³ que transvaza territórios e códigos. Dessa maneira, quer-se fazer vibrar a modulação das sensações de modo que os espectros dos sentidos urbanos transbordem, variem e afetem.

O objetivo geral desta pesquisa busca investigar como o rizoma possibilita experimentar modos de dizer-cidade como potência que se abre à produção da diferença e da multiplicidade. Logo, tomo os escritos de Deleuze e Guattari sobre o rizoma para justificar meu pensamento de diferentes entradas e saídas possíveis na cidade a partir da escolha do corpo que caminha como intercessor¹⁴.

Seu sentido imbuí-se dos desdobramentos de Queiroz Filho para compreendê-lo como linguagem e escala intensiva, “(...) que é poema, que vive lugares em devir”¹⁵ nele inscrevendo aquilo que o afeta. Esse corpo exprime oportunidades de cartografias ao permitir que grafias e narrativas da cidade sejam reconstruídas mediante os atravessamentos de sua exposição.

Isto posto, chamo a tese de *‘Experimentações Urbanas’* em virtude das diferentes cidades que poderão ser experimentadas através dos encontros afetivos despertados pelo meu corpo a partir de São Paulo. Elas são linguagens que se des[dobram] da experiência e re[dobram] no modo como eu as vejo e apresento ao mundo. Podem ser entendidas, de acordo com Cristian Mossi (2015), como prolongamentos das experiências desse corpo estrangeiro afetado. Consequentemente, *‘para esticar horizontes e sentidos’* reflete as apreensões urbanas como processo daquilo que sinto e re[transformo] em possibilidades afetivas e criativas para composição das singularidades de cada dizer-cidade.

A própria pesquisa estrutura-se nessa proposta, ou seja, uma versão dela construída por mim se associa à sua leitura sequencial e outras são abertas às recombinações de seus fragmentos. Cada um deles correspondente a um objetivo específico que tensiona e dialoga com a problemática central, pois ao serem entrecruzados, acrescentam interlocuções.

O sumário foi criado também nessa proposição, para que cada pessoa possa construir o seu caminho. Por isso, cada fragmento possui um índice remissivo de palavras que tensionam o que ele irá tratar. Pensá-la assim permite que sua

¹³ Idem, *ibidem*, p.30.

¹⁴ Sentido remetido ao construído por Deleuze com sendo os encontros que deslocam o pensamento de sua imobilidade natural.

¹⁵ QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. **Corporema: por uma geografia bailarina...** Op. Cit. p.15.

experimentação rompa com a tradicional para se confrontar com o indefinido e vago das sensações. Desse modo, os fragmentos que a compõem são:

Movediças com diálogos que ajudam a pensar o espaço da cidade a partir de suas pluralidades e potencialidades; *Corpo intercessor* que traz o corpo como potência e meio de variação para constituir cartografias urbano-afetivas; *Experiências metodológicas* com delineamentos de uma proposição prática para manifestar as percepções através do corpo e seus sentidos; *Experimentações Urbanas* como as cidades fulgurantes derivadas do corpo em exposição; *Ritornelos* sendo as reverberações de cada fragmento realizado através da perspectiva de um arquiteto urbanista com a cidade e *Bibliografias* como as referências visitadas para construção dos pensamentos da pesquisa.

A tese é um convite, uma partilha e sua capa foi feita com esta intenção. É uma carta que eu escrevo para dividir os meus processos, sentimentos e grafias urbano-afetivas carregada com as linguagens que mais senti afinidade em manifestar. Como plano de fundo, deixei a primeira imagem que me marcou ao chegar à São Paulo e por muito tempo foi a única que tive da cidade – a janela do meu quarto.

O corpo que tece estes escritos e imergi no espaço urbano é o meu corpo pesquisador que viveu numa pequena cidade por vinte e nove anos e se muda para o centro de São Paulo para iniciar uma nova jornada acadêmica. Ao chegar conjuntamente ao início da pandemia de Covid-19 adentro a uma cidade que se retransforma e se apresenta diferentemente para todos.

Um corpo masculino, branco e cis que carrega os sentimentos de um estrangeiro durante todo o isolamento e somente após as medidas restritivas de mobilidade começa, de fato, a construir o que entende ser as suas São Paulo's.

Portanto, pretendo, ecoando o já mencionado, criar rizomas e não raízes para que, a partir do corpo-experiência seja permitido pensar os poderes e as potências dos modos de dizer-cidade(s).

SUMÁRIO

grafias
homens lentos devir
automatismo **corpo** pele
transver alteridade
sentir **CORPO** CsO arte
artistas
intercEsSor
cidade-corpo escala intensiva
poesia graus de potência
afetos primeira geografia

p. 59

corpo pulsante
olfato **campo prático**
inquietações
audição pés
paladar **EXPERIMENTAÇÕES**
visão **URBANAS** tato
caminhar poesia ritmo
p. 9 dobraduras narrativas
singularidades

campos inexplorados
arquiteto-pesquisador variação
São Paulo mestrado
convite afetos criativos
doutoramento **DAZER** hegemônico
introdução processo
fauusp **CIDADE(S)** rizoma
partilha
encontros **como entrar na tese?**
pandemia coexistências potências
narrativas trajetórias

p. 41

De Certeau
Canevacci Mossi
Deleuze Khoury
Levy Guattari
Agamben
Calvino Fuganti Rancière
Queiroz Filho Aspis Magnavita
Massey Caiafa Martins **CRUZAMENTOS**
Barros Larrosa Latour Pimenta
Beiguelman Sennet Marandola Jr. Fuganti
Hissa Nogueira Virilio

p. 84

sobreposição
reencontros metamorfose
linguagens frequências
fragmentos acontecimento retornos
reverberações modos de ser
riTORNELoS
repetições acomentimentos
conexões mundos poéticos processos
redes arquiteto e urbanista
mundos poéticos partilhar
Zechinatto

p. 78

online
aberturas
polifônica
multiplicidade
escuro diferença
offline
contemporâneo híbrido
agenciamento **cidade**
mergulhar
MovE DÍCIAS
espaços de vida imprevisível
'fora' presencial espaço
redeterritorialização
heterogêneo
outrem
vozes

p. 50

metodologia rizoma ecos qr codes colagens
política São Paulo experiência escala da casa
desenho **EXPERIÊNCIAS** Covid-19 saída
sentidos Marco Polo
sensível **METODOLOGIAS**
celular estética escrita experimental
p. 67

online
aberturas
polifônica
multiplicidade
escuro
diferença
offline
contemporâneo
híbrido
agenciamento

mergulhar

cidade

Move Diças

espaços de vida
imprevisível
'fora' presencial espaço
redesterritorialização
heterogêneo
outrem
vozes

“[...] não seria a forma de pensar rizomática, enquanto lógica da multiplicidade, uma atitude e um caminho que inspirasse a [...] compreensão da complexidade da Cidade Contemporânea?”¹⁶.

São a partir dos ecos levantados por essa indagação de Pasqualino Magnavita que começo a composição deste fragmento cuja intenção é traçar um percurso carregado de delineamentos tensionadores dos jogos de poder de uma perspectiva espacial que se pretende única com interpretações e pensamentos hegemônicos.

A cidade contemporânea que adentro, então, é aquela que se constrói durante o período da tese ao utilizar dos acontecimentos desse recorte espaço-temporal para realizar sua produção. Na esteira de reflexões pós-estruturalistas, essa forma de compreendê-la, amparado por Giorgio Agamben, chama-se *ser contemporâneo*, ou seja, “aquele que mantém o olhar fixo no seu tempo, para perceber não as luzes, mas o escuro”¹⁷, de modo a, mergulhado nessa obscuridade criar diálogos para escrever sobre ela. O escuro, característico de algo que não cessa, é “aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com outros tempos, de nele ler de modo inédito a história”¹⁸. E é diante desse cenário que experimento modos de dizer-cidade como potência que se abrem para a produção da diferença e multiplicidade.

Por essa razão, recorro aos desdobramentos de Doreen Massey sobre o espaço para associá-lo à cidade, uma vez que, a autora defende uma abordagem alternativa de seu entendimento ao estimular uma imaginação espacial questionadora de tais influências. Para ela, “deveríamos substituir a história única por muitas”¹⁹ e trabalhar com um mundo que considere suas coexistências.

Essa abordagem enseja olhar o espaço como “um produto de inter-relações”²⁰ em virtude de suas dinâmicas. Assim, espaço e pessoas tornam-se co-constitutivas, numa política mutável, heterogênea e construcional que se revela pela existência da multiplicidade. A cidade, sob esse ponto de vista, passa a ser entendida como

¹⁶ MAGNAVITA, Pasqualino. Experiência rizomática. **Revista Redobra**: Salvador, nº 9, 2012, p.208-209.

¹⁷ AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Trad.: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009, p.62.

¹⁸ Idem, *ibidem*, p.72.

¹⁹ MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad.: de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p.36.

²⁰ Idem, *ibidem*, p.29.

“simultaneidade de estórias-até-agora”²¹. Logo, estar aberto ao espaço é imaginá-lo “como sempre em processo, nunca como um sistema fechado”²².

Diante dessas proposições, coloco em questão a negociação interna da cidade e seus elos de espontaneidade a fim de que linhas de fuga escapem e bordejem campos inexplorados à medida que caminhos outros com ela são experimentados.

Para essa construção, utilizo a ideia de agenciamento (Figura 2) de Deleuze e Guattari porque ele atua como um conjunto de acontecimentos multidirecionais que age na formação concreta da realidade, mudando sua natureza ao passo que aumenta suas conexões. Nessa perspectiva, a cidade se transforma numa instabilidade produtora de aberturas da qual também é reconhecida por Magnavita como “um território de agenciamentos”²³.

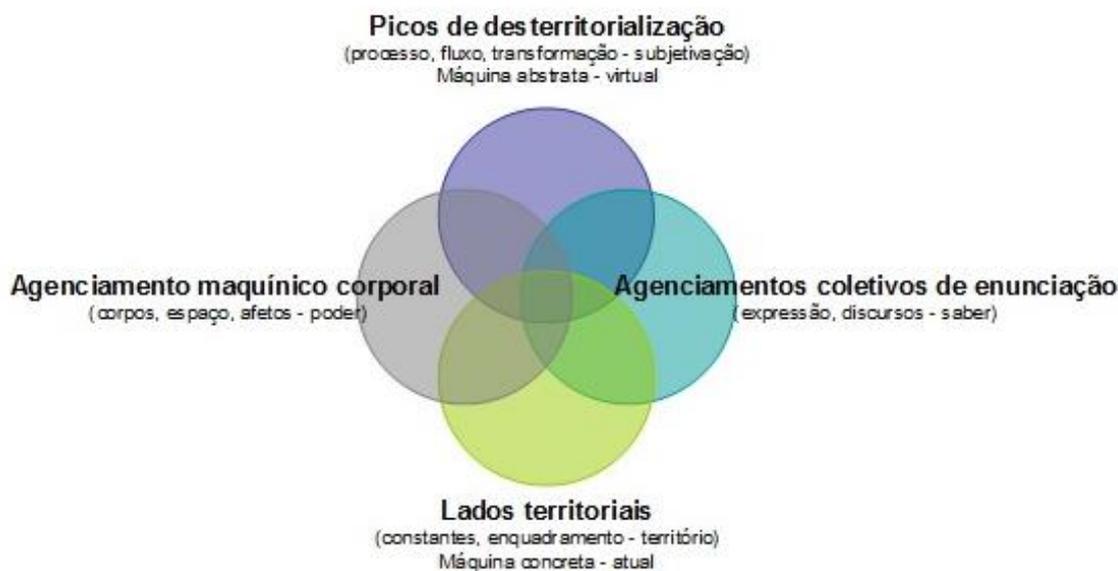


Figura 2: Tetravalência do agenciamento
Fonte: (HUR, 2012)²⁴

Por ser uma tetravalência que ativa diferentes eixos, o agenciamento é dinâmico e atua como operador da multiplicidade. Dessa maneira, no eixo horizontal, tem-se, de um lado, o *conteúdo* correspondente aos corpos, ações e afetos, ou seja, ao que se produz e ao que os mobiliza; e de outro, a *expressão*, remetendo-se aos

²¹ Idem, ibidem.

²² Idem, ibidem, p.31.

²³ MAGNAVITA, Pasqualino. Experiência rizomática. *Revista Redobra...* Op. Cit. p.207.

²⁴ Imagem retirada do artigo *O dispositivo de grupo na esquizoanálise: tetravalência e esquizodrama* de Domenico Hur. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902012000100004&lng=pt&nrm=iso >.

signos, discursos e linguagens. Os autores deixam claro que, à disposição dos sujeitos e objetos, o agenciamento vem primeiro e não o contrário. Não existe um agente que fala e produz previamente, dado que em tudo há conteúdo e expressão, conseqüentemente, algo na cidade se faz e se enuncia.

No eixo vertical, tem-se numa extremidade a *territorialização*, referente à estratificação ou àquilo que se cristaliza para manter-se estagnado; e do outro, a *desterritorialização*, que em contraponto, consiste numa mistura que retransforma, desestabiliza e torna a matéria fluente, matéria-movimento.

Enquanto as altas concentrações da territorialização reforçam as diferenças entre conteúdo e expressão; na desterritorialização, eles passam a se permutar, a ponto de poder criar uma zona de indistinção até que não seja possível dizer o que é corpo e o que é signo. Quem cria essa zona é o 'fora'. Ele não é oposição ao dentro ou binarismo, mas algo que escorre, desprende-se de um enquadramento, e como resultado, transborda, e cria frestas que liberam fluxos. Tatiana Levy trata a questão como o "domínio das forças, das singularidades selvagens, da virtualidade, onde as coisas não são ainda, onde tudo está por acontecer"²⁵.

Nesse sentido, como usarei o ato de caminhar nas proposições práticas, compreendo que os agenciamentos construídos nessa relação poderão ser pensados da seguinte maneira: para o lado do conteúdo, haverá o corpo da cidade, meu corpo pesquisador e o próprio ato de caminhar. No momento em que esses dois corpos entrarem em movimento, cria-se uma expressão, da qual considerarei por meio do *espírito flâneur*²⁶. O território da cidade também afeta essa relação porque seja numa rua conhecida ou não, o caminhar será diferente em cada local. Além disso, deve-se considerar o 'fora', o fator surpresa, as linhas de fuga que fazem estremecer os mecanismos hegemônicos com a intenção de provocar sua subversão interna.

Parafraseando Deleuze e Guattari, ao se atingir a potência das linhas de fuga retornamos aquele local entendendo-o de outra maneira, isto é, a desterritorialização na cidade proporciona a composição de novas experimentações enquanto a reterritorialização oportuniza possibilidades de leituras outras.

²⁵ LEVY, Tatiana. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault, Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p.102.

²⁶ Em linhas gerais, a figura do *flâneur* concebida por Walter Benjamin (2008) carrega consigo uma resistência e crítica, pois ao caminhar, faz uma análise da realidade crítica, com um olhar mais poético, observando o mundo e as pessoas que o cruzam.

São nessas constelações, onde a cidade se mostra como instância de encontros, aberta, processual e desarticulada que diálogos se desbloqueiam para, de acordo com Massey, uma “multiplicidade de trajetórias, e assim, potencialmente de vozes”²⁷. Procuo, nessa possibilidade, entrar em contato com um espaço urbano narrado pelo modo como seus agentes participam como atores e, ao mesmo tempo, espectadores de um emaranhado de vivências e mediações.

Massimo Canevacci oportuniza esse ponto de vista ao evidenciar que “a cidade se apresenta polifônica desde a primeira experiência que temos dela”²⁸, por se comunicar mediante suas vozes copresentes, permitindo que um estilo particular de vida multiplique os olhares para o objeto, sobrepondo-se, fundindo-se e se cruzando em vários tons, nuances e melodias. Ao apontar que “dar voz a muitas vozes”²⁹ é intensificar seu potencial polifônico, nota-se sutilmente sua correlação com a lógica da multiplicidade, cujo lugar, ao agenciar e dar outro sentido, projeta-se pela diferença.

Para ele, a cidade é o lugar do olhar, mais especificamente, do olhar duplo para um duplo panorama. Afinal, “não somente vivemos ‘nela’, mas também somos vividos ‘pela’ cidade. A cidade está em nós”³⁰. Isso fica notório em seu relato de que, após sentir-se completamente perdido ao chegar à São Paulo, teve sua atenção imediatamente capturada pela variabilidade de ritmos e fugacidades que o acometiam.

A partir da sensação de estar perdido, o autor adere ao fluxo das emoções para vibrar junto da cidade em todos os fragmentos que o tocam. Sente prazer nisso, aceitando ser fluxo de multiplicidades que constrói rizomas pelo caminhar de um estrangeiro desenraizado. Consequentemente, esse é o efeito da polifonia na cidade, uma pluralidade de enfoques, interpelações e cruzamentos, empreendida por diversas técnicas, uma diferente da outra, mas todas convergindo para a focalização de um paradigma inquieto. Uma cidade sentida a partir de diferentes perspectivas e vozes com suas próprias regras e estilos.

Essa grande variedade de estímulos permite que distintos meios de subjetivação sejam despertados porque deixamos nossa inserção em algum grau para se expor às suas descontinuidades, observado por Janice Caiafa através de duas

²⁷ MASSEY, Doreen. **Pelo espaço...** Op. Cit. p.89.

²⁸ CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana**. Trad.: Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2004, p.15.

²⁹ Idem, ibidem, p.17.

³⁰ Idem, ibidem, p.37.

grandes marcas urbanas, sendo elas: o estranhamento e o imprevisível. Ambas oportunizam agenciamentos com mundos outros, visto que, o espaço como instância de deslocamento e comunicação modifica-se constantemente.

Ao declarar que “habitar a cidade é experimentar de alguma forma a vizinhança de estranhos”³¹ ela evidencia a intensificação da heterogeneidade em nossos espaços de vida. Esse conceito, adotado pelas interpretações de Eduardo Marandola Jr. (2011), significa o próprio viver citadino, os itinerários pelos quais as pessoas trafegam ao longo do dia, ou seja, nossa forma de ser e estar na cidade. Então, “deixar-se afetar por estranhos é de certa forma já mudar ou sair de si um pouco”³², sobretudo, no que tange às espacialidades intensivas.

Para que ela ocorra, faz-se preciso o desejo ativo de querer ser transformado. Caso contrário, o desconhecido reverte-se numa variante ignóbil em razão de suas recorrências familiares. Por isso, Caiafa sugere a figura de *Outrem*, concebida por Deleuze (1974), como o operador da diferença que nos tira de nós, nos faz outros e se produz com ele.

Outrem “introduz o signo do não-percebido no que eu percebo”³³. É como se um mundo à margem fosse organizado ao redor das coisas e dessa borda novos desvelamentos disparassem campos de potencialidades com uma expressividade de oscilação para cada caso. “Ora, um tal saber ou sentimento de existência marginal não é possível a não ser por intermédio de outrem”³⁴.

Sua ausência faz reinar somente a oposição e os termos absolutos. Não há chances de um entre, vigorando sempre um embate brutal, sem fim. A perspectiva do possível esboroa porque o plano que se constitui torna-se infértil, as repetições automatizam-se, os trânsitos inventivos desfalecem e se tornam infranqueáveis, vazios, sem variações.

Outrem é um agenciamento que reflete a “expressão de um mundo possível”³⁵ e organiza tanto o funcionamento quanto a categorização do campo perceptivo. Está

³¹ CAIAFA, Janice. Comunicação e diferença nas cidades. **Revista Lugar Comum**. Estudos de mídia cultura e democracia, nº 18, 2003, p.91.

³² Idem, ibidem, p.96.

³³ DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Trad.: de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 5º ed., 2011, p.312.

³⁴ Idem, ibidem, p.315.

³⁵ Idem, ibidem, p.318.

para além dos sujeitos e objetos, não é nem um e nem outro, mas um agenciamento sem o qual a potência dos sentidos não operaria para além das estruturas.

Efetuada por aqueles que manifestam esse desejo de experienciar a cidade, ele opera para dar início a uma abertura que se obstina em se desterritorializar na cidade. É um operador que multiplica o mundo por suas margens existentes fora de suas expressões, anunciando arquiteturas inexploradas e inventivas, conduzindo à reflexão sobre outras maneiras de perceber a cidade que não costumamos vivenciar.

Ao dar vida a essa amplitude, delinheio o processo de subjetivação da tese correlacionando-o ao de Caiafa como o da “produção, sendo o sujeito apenas um momento dos fluxos subjetivos em que esses processos se cristalizam [...] que não é nunca resultado, mas constante processo”³⁶. Há sempre um elemento de ‘caos’ presente nas configurações espaciais, esta é a instabilidade e o potencial espacial, ou, pelo menos, o modo como poderíamos imaginá-los, mais produtivamente, nestes nossos espaços-tempos. A autora esclarece que:

[...] a proximidade com esses outros que não conheço e que não saberiam me localizar [...] é uma experiência subjetiva importante, uma espécie de *outrem* de meu mundo que pode, mesmo sem eu saber ao certo, me fazer diferente de mim mesma. É assim que a mistura característica urbana não repercute só quando consegue subverter os códigos sociais, mas também nesse nível mais molecular e imperceptível, mas não menos real, de uma relação consigo. A produção de heterogeneidade nas cidades [...] é uma marca importante da experiência urbana e se constitui em componente subjetivo, nos afetando diretamente. Essa experiência de *outrem* poder ser uma força subjetiva criadora e é também uma dádiva da cidade³⁷.

Considerando não apenas a fisicalidade da cidade, englobo o digital como campo de experimentações para que novas construções sejam discutidas. Essa interpretação coloca a *internet* como potência para observar em ‘tempo real’ o modo como às histórias vem sendo contadas dentro do espaço urbano.

As tecnologias não cessam de modificar o meio urbano por uma imagem digital que reintroduz, a cada instante, uma nova noção. As infovias de acesso à cidade criam a descontinuidade que faz pensá-lo a partir do seu tempo. No digital, esclarece Paulo

³⁶ CAIAFA, Janice. Comunicação e diferença nas cidades... Op. Cit., p.92.

³⁷ CAIAFA, Janice. **Jornadas Urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p.175-176.

Virilio, “a arquitetura urbana deve, a partir de agora, relacionar-se com a abertura de um espaço-tempo tecnológico”³⁸.

Essas infovias versadas como a estruturação de uma malha urbana correspondem às passagens digitais das trocas na rede. Nota-se, entretanto, que seus caminhos não dispõem de características definidas dependendo dos usuários e de suas interações. Noutras palavras, o que dá corpo às infovias são os agenciamentos no campo físico e as experiências que suas conexões reverberam. Não só o espaço se desterritorializa para viajar através de *pixels* e *bits*, mas o tempo também aumenta sua capacidade de potência com o recurso digital.

A cidade, diante disso, modifica-se junto dessa nova interface, tendo a tela como o novo local de encruzilhadas. Essa abertura reconfigura o modo de viver citadino, ensejando, uma coprodução de realidades sensíveis e mediatizadas geradas simultaneamente às produções do espaço real.

No escopo dessa abordagem, os dispositivos tecnológicos amplificam e intercambiam experiências, sobretudo, pela sua capacidade de registro e alcance. Por isso, faço uma associação com a teoria do ator-rede desenvolvida por Bruno Latour que propõe pensar numa perspectiva na qual os atores humanos (sujeitos) e não humanos (objetos) recebem o mesmo foco de atenção.

De acordo com o autor, os objetos são dotados de agência, significando estarem associados “de tal modo que fazem outros atores fazerem coisas”³⁹. Esse pensamento corrobora um rompimento da dualidade do binômio sujeito-objeto para criar um híbrido, uma nova entidade que se constrói a partir do agenciamento, conexões e ações do ator-rede.

O agenciamento entre o ator humano e o não humano não se constitui como substância consolidada, ou seja, não é definição; para ele, o encontro pode ter variações e manifestar sempre um outro. A tecnologia impulsiona o humano e a máquina a uma hibridização que se exprime por meio das mídias móveis e redes sociais. As práticas entre o que até então poderia se pensar como *online* e *offline* tornam-se comutáveis e uma passa a impactar na esfera de atuação da outra.

Nesse sentido, ao refletir sobre o espaço urbano a partir de suas pluralidades e potencialidades, o fragmento *Movediças* enseja, como já dito, bordejar campos

³⁸ VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Trad.: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, p.10.

³⁹ LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: Edufba-Edusc, 2012, p.158.

urbanos inexplorados, distanciando-se até suas margens para conquistar novos devires, comunicações desordenadas e alternâncias de processos de subjetivação.

Portanto, procuro dar lugar a um espaço-tempo produzido pelos agenciamentos para capacitar esse ser contemporâneo a ativar seus sentidos e pensar modos outros de dizer-cidade, de modo que, os espectros dos sentidos urbanos transbordem, variem e afetem.

grafias

homens lentos devir

automatismo **corpo** pele

transver alteridade

sentir **C** **o** **r** **P** **O** CsO
artistas arte

i **n** **t** **e** **r** **c** **E** **s** **S** **o** **r**

cidade-corpo escala intensiva

poesia graus de potência

afetos primeira geografia

O automatismo, considerado nesta pesquisa uma marca do viver contemporâneo, passou a preencher nossas relações cidadinas entorpecendo os sentidos do corpo ao restringir suas experiências e movimentos. O andar está tão centrado e mecânico que quase não desviamos os olhos para aquilo que nos acontece, a não ser que seja algo incomum, extraordinário. Com essa percepção alterada, os comportamentos e sensações passam a ser negados pela alteridade, provocando uma recusa à multiplicidade e diferença.

Esse cenário já vinha sendo percebido por Richard Sennet ao evidenciar o desagrado que as pessoas têm demonstrado nas casualidades heterogêneas. A própria velocidade ao converter o espaço num “lugar de passagem”⁴⁰ fortalece essa disparidade transformando o corpo num agente passivo que se move anestesiado em desconexão com aquilo que poderia ser sentido.

Numa cidade pela qual as ações são nutridas por essa expressão automática e veloz, torna-se cada vez mais difícil construir vínculos afetivos. Logo, o corpo se blindava e não se abre. Não há mais uma ligação forte dele com a cidade porque as atividades são construídas pautadas pela vulnerabilidade de suas relações. Conseqüentemente, o tecido urbano desperta sua face fúnebre que perde continuamente a moradia dos afetos. Ao perder “a capacidade de gerar e negociar sentidos”⁴¹, afirma Zygmunt Bauman, a cidade reflete diretamente no modo de se expor à ela. É uma constatação que está “cada vez mais rara nas cidades contemporâneas: a experiência urbana da alteridade”⁴², reitera Paola Berenstein.

Sob essa perspectiva, o corpo passa a projetar afetos desperdiçados compondo-se por um repertório de experiências semelhantes entre si, onde nada o preenche, toca ou transborda. Essas subjetivações em massa, de certa forma até disciplinadas, em referência à Michael Foucault, observadas como “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças”⁴³, convertendo-o num corpo-produto.

Diante disso, compreendo que utilizar o corpo como *intercessor* do objeto cidade é reavê-lo capacidades de nela pensar-agir-dizer-fazer. Esse conceito trazido

⁴⁰ SENNET, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Trad.: Marcos Aarão Reis, Rio de Janeiro: Record, 3º ed., 2003, p.17.

⁴¹ BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Trad.: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p.8.

⁴² BERENSTEIN, Paola. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012, p.11.

⁴³ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Trad.: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002, p.118.

por Deleuze está latente em uma das entrevistas contidas no seu livro *Conversações*. Ele não é dito de modo claro ou trabalhado especificamente em nenhuma outra obra. Todavia, percebe-se que sutilmente indícios vão sendo dados em seus escritos sobre como a fabricação criativa é intercambiada por eles, conforme descreve:

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas [...], mas também coisas, plantas, até animais [...]. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê⁴⁴.

Ao deslocar a imobilidade do pensamento para caminhos comutáveis, os intercessores exprimem atravessamentos que deflagram espaços de intensidade na cidade, de grafias no corpo em processo daqueles que em algum grau nela transitam.

Inspirado pelas palavras de Cássio Hissa e Maria Nogueira, a vida urbana se produz através dos corpos e seus movimentos, a “cidade é cidade-corpo”⁴⁵ e somos levados a esse cruzamento citadino regularmente. É possível pensar que há o corpo da cidade, os corpos na cidade e a produção da mistura de ambos, ou seja, uma cidade-corpo em curso que opera experimentando um ao outro, povoando a interseção entre eles por sobreposições e conjunções. Para eles:

O corpo é o lugar de onde vemos o mundo, que faz o mundo vibrar e nos faz ver o universo de determinada forma: o modo como vivemos o corpo. O corpo é território de onde dizemos o mundo. No mínimo, o corpo é um instrumento de ação. O corpo olha, é, sente; o corpo pensa. É o corpo que sente, pensa e diz a cidade e, ao dizê-la, transforma-se nela⁴⁶.

Desse modo, é por meio do deslocamento do meu corpo que busco vivenciar a cidade para entrar em contato com espaços de multiplicidade para amplificar minhas composições urbanas. Delineio seu sentido imbuído dos desdobramentos de Queiroz Filho, para entendê-lo como linguagem e escala intensiva, “[...] que é poema, que vive

⁴⁴ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad.: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 7ª reimpressão, 2008, p.156.

⁴⁵ HISSA, Cássio; NOGUEIRA, Maria. Cidade-corpo. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais...* Op. Cit., p.56.

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p.61.

lugares em devir”⁴⁷, nele inscrevendo aquilo que o afeta, corpo como “primeira geografia”⁴⁸.

Essa forma de pensá-lo desperta oportunidades de cartografias urbano-afetivos ao permitir que grafias do espaço sejam reconstruídas mediante sua exposição. Elas se dão num certo contexto, num certo tempo, num certo lugar por meio de uma potência criativa e criadora. São encontros que nos instigam a refletir sobre nossas atuais capacidades de agir e pensar, modos de ser e fazer no mundo.

Por essa razão, adentro ao campo com meu corpo para produzir narrativas urbanas, afetar e ser afetado, sentir na pele, “[...] pele ‘que é’ mapa, portanto, pele ‘tornada’ mapa, pele ‘tida como’ mapa. Pele que ocupa as funções de um mapa, pele em devir-mapa”⁴⁹, redistribuindo as espacialidades, remapeando as interseccionalidades de suas subjetivações, confundindo-se com o objeto em curso.

Ao nos misturarmos à cidade, desenhamos com nossas heterogeneidades rotas plurais e cambiantes que transformam essas produções em cartografias moventes, produções sob a diferença daquilo que naturalmente não é mapeável, são processos em andamento. Sennet esclarece que a partir de uma “experiência corporal”⁵⁰ expressamos questões da vida cotidiana, da arquitetura, do urbanismo e da cidade para ampliar nossos modos de ver, ouvir, sentir, dizer e escutar. Os acontecimentos servem para retransformar as produções sinestésicas, gerando grafias que se inscrevem na pele de ambos.

Este entendimento sobre o corpo permite que ele instigue diferentes jornadas, mesclando contextos e inserindo-os noutros, provocando assim, variações no automatismo da sensibilidade. Ele quer testar, fazer surgir capacidades de criatividade ainda não experimentadas de um corpo que é “pele-experiência, mapa de mobilizações e transgressões. Marca protocolos de experiência e experimentações”⁵¹. Não apenas gestos, mas outros dizeres que reconfiguram seu ambiente familiar.

Na mesma esteira dos pensamentos deleuzo-guattarianas sobre a construção do corpo sem órgãos (CsO), o corpo como primeira geografia é um exercício, por isso intensivo, é preciso senti-lo. Tudo o circula, inunda e ocupa em algum grau. Ao habitar

⁴⁷ QUEIROZ FILHO, Antônio. **Corporema: por uma geografia bailarina**. Vitória: e-book, 1º ed., 2018, p.15.

⁴⁸ Idem, *ibidem*, p.310.

⁴⁹ Idem, *ibidem*, p.89.

⁵⁰ SENNET, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental...** Op. Cit., p.15.

⁵¹ QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. **Corporema...** Op. Cit., p.313.

entre fluxos, não se pode ser interpretado, mas sim, experimentado. Então, da mesma forma como “[...] jamais entendemos da mesma maneira o ‘corpo sem órgãos’”⁵² esse conceito também pode ser visto como um convite.

Não obstante, Queiroz Filho alerta que:

Há a força estabilizadora, que tenta a todo instante capturar, criar impedimento ou modular os movimentos intensivos e afetivos dos corpos que ali estão em movimento e contato. A cada passo, a cada pulsar, criam-se meios e modos de ser-outro, fluidos, diluídos, moventes: fluxo de estabilização que separa, e fluxo de derivação que mistura, que desfaz a forma, a identificação, a singularização⁵³.

Ao caminhar no nível da rua, onde circulam as multidões, lentamente, como os “praticantes ordinários”⁵⁴ descritos por Michel de Certeau, a alteridade se apresenta como potência máxima da constituição do habitar instigando que seus segredos, trajetos e tuguírios sejam decifrados. Os corpos errantes, inventivos que transitam entre as ranhuras dos espaços disciplinados reescrevem em suas pelas as rasuras urbanas de suas múltiplas estórias e fragmentos.

Ao fazer balançar as estruturas passando a ser resistência a tudo aquilo que o conforma, “os homens lentos exploram diferentes e imprevisíveis experiências. Novos modos de vida são inventados [...] espaços do aproximativo e da criatividade”⁵⁵, esclarece Hissa e Nogueira, desfalecendo as estruturas e libertando o corpo para “viver a cidade, experimentá-la em seu terreno, território, mundo”⁵⁶.

Para isso, utilizo o campo da arte como meio de manifestar minhas intenções pois encontro nele as aberturas necessárias para experimentar ritmos e produções outras entre o corpo e a cidade. Digo isso, não a tratando como uma representação da vida cidadina, mas sim, em razão de seu caráter experimental que carrega consigo uma dimensão criadora capaz de *transver* o mundo.

Esse destaque, em referência a Manoel de Barros, expressa um movimento que procuro, ou seja, vai do campo teórico ao prático, da imaginação à *desformação*,

⁵² DELEUZE, Gilles. **Carta a Uno: como trabalhamos a dois**. In: DELEUZE, Gilles. Dois Regimes de loucos. São Paulo: Editora 34, 2016. p.251.

⁵³ QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. **Corporema...** Op. Cit., p.342.

⁵⁴ DE CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**. Ed. Vozes Ltda.: Rio de Janeiro, 3º ed, 1998, p.171.

⁵⁵ HISSA, Cássio; NOGUEIRA, Maria. Cidade-corpo. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais...** Op. Cit., p.59.

⁵⁶ Idem, ibidem.

para assim, tornar possível esticarmos nossos horizontes e sentidos. Abaixo, apresento um trecho do poema:

“Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):

A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem de suas derrotas.

*Só a alma atormentada pode trazer para a voz um
formato de pássaro.*

Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo [...]”⁵⁷

A arte, nesta pesquisa, tem o objetivo de “extrair um bloco de sensações, um puro ser de sensações”⁵⁸, como explicado por Deleuze e Guattari. Logo, enxergo nela a possibilidade de produções que dão ao corpo capacidades de grafar seus afetos e sensibilidades para expressar-se no mundo, reavendo por meio dele, reflexões sobre o meio na qual se está inserido. Quero poder compor cavalos-verdes, agenciar-se e se transformar a partir dos registros urbanos que me afetarão.

Trago então, alguns exemplos, de artistas que utilizaram o corpo como intercessor em suas produções, sendo eles: Jackson Pollock que ao golpear, espremer os tubos de tinta e fazer borrões pintava seus quadros a partir dos impulsos espontâneos do seu corpo. Sua obra em grandes telas rompia com o automatismo das pinturas tradicionais porque tornava difícil do artista ver o todo ou qualquer seção por partes. Entende-se que Pollock (Figura 3) entrava na tela e operava seu corpo como instrumento para realizar seus registros. O artista, o espectador e o mundo exterior envolviam-se ao permutar um no outro.

⁵⁷ BARROS, Manoel de. Livro sobre nada. Rio de Janeiro: Record; 1996 (**grifos nossos**).

⁵⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia**. São Paulo, Ed. 34, 2010, p. 217.



Figura 3: Jackson Pollock durante suas composições

Fonte: (ROBERTSON, 1960)⁵⁹

Mariana Abramović (Figura 4) ao usar o corpo apropriando-se de situações e objetos confere outros significados, usos e mudanças nas formas de perceber algo que já estava estabelecido. Desde uma simples troca de olhar a performances que rompem com as fronteiras e limites dos sentidos, a artista desvincula-se da pressa e distrações do automatismo para voltar-se a um mundo mais introspectivo. Por envolver uma dimensão coletiva, borrando a linha entre artista e espectador, ela os traz para suas experiências, assumindo o público mais do que um papel somente contemplativo-crítico, mas também, participativo.



Figura 4: Registro da performance *A minute of silence* (MoMA)

Fonte: (YOUTUBE, 2022)⁶⁰

⁵⁹ Imagens retiradas do livro *Jackson Pollock* (1960) de Bryan Robertson.

⁶⁰ Vídeo com trechos da performance Marina Abramović intitulada *Um minuto de silêncio* no Museu de Arte Moderna (MoMA) em Nova Iorque. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=OS0Tg0liCp4> >, acessada em 23/09/2022.

Anastasia Savinova (Figura 5) é uma artista digital que trabalha criando justaposições a partir dos registros que a toca. Suas composições trazem características do modo de vida, da cidade e dos sentimentos que mais lhe afetaram. Interessada em construir o espírito daquilo que se encontra materializado, ela compreende suas obras como espaços do imaginativo, de explorações autênticas dos lugares que visita.



Figura 5: Fragmentos da obra – *Genius Loci* (Gotland, Samara e Côte d'Azur, respectivamente)

Fonte: (SAVINOVA, 2022)⁶¹

Ao ter ciência desse cenário contemporâneo, considero que através do corpo seja possível efetuar agenciamentos e grafias de atravessamentos no espaço da cidade, sobretudo, para operá-lo como intercessor na constituição de movimentos de desterritorialização com vistas a liberar a vida e o desejo a partir de produções artísticas para novas percepções de mundo.

Busco, portanto, experimentar os graus de potência do corpo, ampliar seus alcances, como os praticantes ordinários, para compor com a cidade ao invés de a ela se opor. Entender como esses processos e leituras constituem-se torna-se importante para compreender como o habitar contemporâneo se constrói a partir de suas relações, ocupações e passagens, pois é “[...] por meio desse corpo que somos [...] que experimentamos o mundo e abrimos lugar para o pensamento”⁶².

⁶¹ Imagens das obras disponíveis no site: < <http://www.anastasiasavinova.com/genius-loci.html> > Acessado em: 23/09/2022.

⁶² HISSA, Cássio; NOGUEIRA, Maria. Cidade-corpo. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais...* Op. Cit., p.56.

desenho
sentidos
sensível

metodologia

e

x

p

e

r

i

e

n

c

i

a

s

M

e

t

o

d

o

L

o

g

i

c

a

s

celular

estética

escrita experimental

rizoma

São Paulo

ecos

qr codes

experiência

colagens

escala da casa

Covid-19

saída

Marco Polo

entrada



A chegada da pandemia de Covid-19 impôs uma reestruturação em nossos espaços de vida implicando variadas medidas de restrição. De acordo com Giselle Beiguelman, “o espaço público [...] foi sua primeira vítima fatal”⁶³ e a partir dele, outros sintomas foram sendo evidenciados. O cenário pandêmico gerou um afastamento da experiência cidadina proveniente do convívio e do contato para uma nova disposição voltada ao isolamento e distanciamento social.

Confinado dentro de um apartamento de quarenta e cinco metros quadrados, meus únicos contatos com a cidade decorriam-se ou pela janela do meu quarto ou quando era preciso sair para fazer o abastecimento dos suprimentos essenciais, ainda assim, marcados pelo medo e insegurança.

Dessas reverberações, surgem os primeiros ensaios de escrita sobre os afetamentos do corpo para pensar o espaço urbano despertadas durante o cerne da pandemia, resultando no artigo “*Entre janelas: páginas de um diário corpográfico sensível da cidade-medo*”⁶⁴. Essa investigação contribuiu para entender as relações afetivas estabelecidas por um corpo circunscrito numa escala abruptamente reduzida.

Logo, residiu nessa imobilidade a abertura para o aguçamento do olhar entre janelas físicas e digitais; e nos escritos de quarentena do diário corpográfico uma maneira de registrar as impressões diárias a partir das diversas vozes que narram a experiência do lugar.

Interessado em produções a partir corpo e imerso no digital, em sequência, desenvolvi o manuscrito “*Experiências etnográficas digitais: uma narrativa sobre a pandemia no Complexo do Alemão*”⁶⁵ expandindo minhas experimentações com outros contextos e atores urbanos, uma vez que, os limites geográficos estavam desmanchados pelo *status online* uma pluralidade de discursos passaram a ecoar com a intensificação das conexões e narrativas a serem contadas em tempo real a respeito das vivências da cidade em estado de pandemia.

Ao decorrer de um ano e meio, em isolamento, sob o peso das tarefas domésticas, acadêmicas e profissionais percebi que havia constituído uma forte familiaridade com essa escala reduzida, da qual defino como a escala da casa. E em

⁶³ BEIGUELMAN, Giselle. **Coronavida**. São Paulo: ECidade, Outras Palavras, v.8, 2020, p.5.

⁶⁴ Artigo publicado pela revista **Cadernos Proarq** da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: < http://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq36_04_Entre%20Janelas_Junho2021.pdf >.

⁶⁵ Artigo publicado pela revista **Oculum Ensaios** – Periódicos científicos da PUC-Campinas. Disponível em: < <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/5193/4439> >.

virtude do automatismo gerado, meu corpo começou a ter dificuldades em intercambiar experiências criativas recebendo afetos cada vez mais reativos.

Luiz Fuganti aponta que uma força reativa tende a conservação de si, das ações, e esclarece que “a gente sabe, geralmente, de uma vida reativa, que se ressentente das variações sofridas nos encontros, que padece das multiplicidades, que só tolera a diferença operando de maneira domesticada”⁶⁶ pois o modo de viver que levamos têm nos afastado das experimentações criativas, da capacidade de acontecer, descolando o corpo de tornar-se ativo. Ele explica que:

Na mesma medida em que nós perdemos a capacidade de acontecer, nós não sabemos mais qual a fonte ou o motor do nosso desejo. Não sabemos mais qual é a fonte ou o motor do movimento do corpo [...]. Na medida que ressentimos o acontecimento, o corpo perde a sua fonte, não só material, mas também temporal [...]. Então nós nos separamos simultaneamente da capacidade de acontecer no corpo e da capacidade de acontecer no pensamento. Nos separamos da capacidade de exercer a sensibilidade, de ativar os elementos intensivos do corpo⁶⁷.

Diante da consciência de ter um corpo atravessado por afetos mais reativos, reparei que, ainda assim, carregava os sentimentos de ser um estrangeiro na cidade de São Paulo dado as limitações da minha mobilidade. E é a partir dessa condição que eu vejo e coloco as minhas experimentações.

Por isso, a questão central que se apresenta para nortear a tese é: *como experimentar diferentes maneiras de se expor a cidade para produzir outras formas de narrar e potencializar afetos criativos através da variação do meu corpo na experiência cidadã?*

Primeiramente, é com o rompimento da escala da casa que a metodologia se delinea, ou seja, não se tratam de narrativas pandêmicas, mas sim, de narrativas derivadas dos encontros experimentados pelo corpo exposto na cena urbana após o completo relaxamento das medidas restritivas de mobilidade.

Sua construção é inspirada no livro *As cidades invisíveis* de Ítalo Calvino que conta a história do viajante veneziano Marco Polo, que a mando do imperador mongol

⁶⁶ FUNGATI, Luiz. *Corpo em devir...* Op. Cit. p.68.

⁶⁷ Idem, *ibidem*, p.69.

Kublai Khan, percorre seu vasto território buscando apresentar as cidades nele contidas para a construção de um entendimento uniforme e racional do seu império.

Ao retornar, Polo detalha a experiência de cada uma das cidades visitadas, escutada com bastante atenção e curiosidade. Kublai percebe, pelas descrições, que os mesmos elementos são recombinaados diversas vezes, produzindo variações. A cidade é fragmentada por onde o viajante passa e se transforma numa profusão de textos, signos móveis e afetos apreendidos nesse registro único de versão que dificulta sua legibilidade. Conforme o autor descreve:

Kublai refletia sobre a ordem invisível que governava a cidade [...] às vezes, parecia-lhe estar prestes a descobrir um sistema coerente e harmônico que estava por trás das infinitas deformidades e desarmonias, mas nenhum modelo resistia à comparação com o jogo de xadrez [...]. O conhecimento do império escondia-se no desenho traçado pelos angulosos saltos do cavalo, pelos espaços diagonais que se abrem nas incursões do bispo, pelo passo arrastado e prudente do rei e do humilde peão, pelas alternativas inexoráveis de cada partida⁶⁸.

Percebe-se a existência da cidade, da relatada por Polo e imaginada por Kublai. Segundo Renato Gomes, “[...] aí elas se acumulam, se substituem, se interpretam, enfim, se leem, no aspecto vicário da linguagem”⁶⁹. Esses relatos desprendem o espaço para uma compreensão além do superficial, abrindo-o para outras formas de imaginação.

Associo, então, esse rompimento da escala da casa à postura de Marco Polo para esticar meus horizontes e sentidos através do ato de caminhar a fim de que sejam experimentadas cidades outras por meio desses encontros. Entendidos como potenciais de variação, tais encontros manifestam-se numa cidade que se expressa como organismo vivo através de pessoas, prédios, coisas, lugares, entroncamentos.... Para pensa-la e provocar essa força de variação, utilizo a ideia do rizoma já que seus modos operativos se constituem de uma experimentação intervalar.

Essa é, pois, minha proposta. Alinhar a ideia de rizoma, “[...] estrutura de passagens repleta de confusões métricas, um labirinto com múltiplas entradas e

⁶⁸ CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad.: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das letras, 1972, p.51-52.

⁶⁹ GOMES, Renato. **Todas as cidades, a cidade**. Rio de Janeiro: Rococo, 2008, p.18.

saídas, sem começo, nem fim, nem centro, nem periferia"⁷⁰, com um processo de escrita experimental do e pelo corpo que se faça pelos contingenciamentos urbanos.

O sentido de experiência na qual me apoio é conferido por Jorge Larrosa sendo aquilo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”⁷¹. Ela percorre passagens de afetos, “é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar”⁷², compreende “um saber particular, subjetivo, relativo, contingente”⁷³, não se separando daquele que a encarna, mas sim, transformando o sujeito da experiência naquele que se “ex-põe”⁷⁴ como território sensível, apresentando-se por sua passividade, receptividade e abertura. Ele ressalta que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro⁷⁵.

O corpo como intercessor ao desterritorializar seus sentidos fisiológicos, fazendo-os variar, transborda suas escalas intensivas, potencializando a condução por essas linhas à captura de outras grafias na e com a cidade. Para Queiroz Filho, “desorganizar o organismo, talvez possa ser [...] reconhecer os agenciamentos possíveis quando consideramos o corpo biológico não como fim, mas como conjunção de intensidades que participam efetivamente desse constante devir”⁷⁶.

Diante disso, chamo de **Experimentações Urbanas** os resultados das práticas, cada uma, dotada de narrativas e arranjos estético-políticos próprios a partir do corpo-experiência. São linguagens que se des[dobram] da experiência e re[dobram] no modo como eu as vejo e apresento ao mundo. Balizados por Cristian Mossi (2015),

⁷⁰ Trecho retirado da entrevista entre Alexander Kluge e Joseph Vogl. Disponível em < <https://youtu.be/2k-wWziPk-g> >.

⁷¹ LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. São Paulo: Autêntica. 2011, p.22.

⁷² Idem, ibidem p.10.

⁷³ Idem, ibidem p.32.

⁷⁴ Idem, ibidem p.26.

⁷⁵ Idem, ibidem p.25.

⁷⁶ QUEIROZ FILHO, Antônio C. Nunca estamos prontos: reparar o corpo, prescrever geografias. In: DOZENA, Alessandro. (org). **Geografia e Arte**. Natal: Caule de Papiro, 2020, p.83.

elas são como prolongamentos da experiência desse corpo estrangeiro afetado, já que nenhuma é experiência pura, mas sim, um esticamento dela, cada pessoa construindo-a à sua maneira

Adotando os conceitos delineados nesta tese, desenvolvi o artigo “*A narrativa rizomática e as experimentações na cidade*”⁷⁷ para investigar quais linguagens eu encontraria potência para dar vida aos meus afetos, grafias e sensações durante as produções. Desse modo, é com um entendimento de cidade a partir do rizoma e suas possíveis articulações nos campos do saber e do sensível que outros modos de dizer-cidade(s) são suscitados. Para tal, delineio dois protocolos para experimentar a lógica rizomática na cidade em suas descontinuidades, sendo eles:

– Formas de entrada, novos itinerários e outras grafias

A chegada da pandemia de Covid-19 implicou grandes restrições citadinas e estabeleceu uma escala muito reduzida para composição nossos espaços de vida, impedindo a constituição de um campo a ser explorado para além dela. Mesmo tendo desenvolvido pesquisas que percorressem espaços urbanos digitalmente, eu ainda não havia tido oportunidade de realiza-las presencialmente num contexto que, a grosso modo, não fosse mais obrigatório o uso de máscaras nas ruas.

Esse cenário, segundo Queiroz Filho, serviu para me ajudar a entender que para propor um devir-posição sobre algo já estabelecido, é preciso compreender como essa posição opera seus sentidos, para então, rasurá-la. Ele explica que:

Propor é, portanto, agenciamento estético-político de afetos que se coloca diante desse cenário em posição de enfrentamento de uma dada posição estabelecida, o qual primeiro requer o reconhecimento profundo da posição daquele/daquilo que se posiciona, que se coloca e que, ao fazê-lo, articula todas as outras posições em função da sua. Não há, então, proposição sem posição, porque ela surge exatamente como gesto de reação a esse mecanismo articulador-síncrono de posições⁷⁸.

Desse modo, para irromper com o automatismo e a imobilidade das atividades criadas pelo cenário pandêmico usarei minha condição de ser estrangeiro que se

⁷⁷ Artigo publicado pela revista **Geograficidades** da Universidade Federal Fluminense (UFF). Disponível em: < em fase de prelo para publicação (2023) >.

⁷⁸ QUEIROZ FILHO, Antônio C. **Do sensível, poesia...** Op. Cit. p.26.

deslocará para fora da escala da casa, para dar entrada na cidade e experimentar modos outros de dizer sobre ela.

A experiência pretende instigar a construção de três cartografias urbano-afetivos gerados por um corpo-experiência que se expõe portando consigo dispositivos tecnológicos para amplificar os alcances de seus registros urbanos. Considero, então, minha casa na Rua das Palmeiras, Santa Cecília – São Paulo (Figura 6), como o ponto de partida de suas construções.

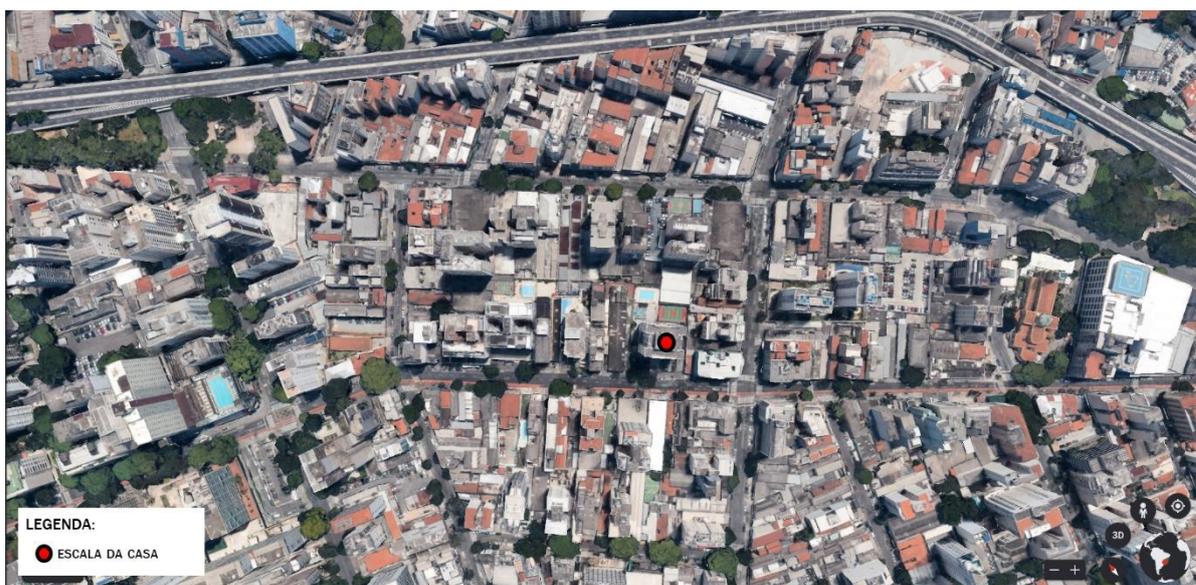


Figura 6: Constituição da escala da casa e seus pontos colaterais

Fonte: (Adaptado GOOGLE EARTH, 2022)

Essas grafias propositivas provocam novas possibilidades de grafar no mundo e na cidade, constituindo-se como formas de apreensões inventivas que se impregnam do sensível e de suas lógicas desajustadas. Elas põem em tensão e movimento a linguagem para “habitar as palavras grafadas e que ao mesmo tempo grafam o espaço, que também é o corpo, que é a presença e experiência”⁷⁹.

Sua realização tem a ver com deixarmos abordar em nós próprios pelo que nos interpela e dali, transformar-se. Por essa razão, não pretendo, orientar a condução das proposições empíricas porque busco percorrer os agenciamentos despertados no momento da experiência.

Para suas composições serão empregadas:

⁷⁹ Idem, *ibidem*, p.14.

- **COLAGENS:** realizadas por registros fotográficos feitos durante o caminhar e imagens retiradas da *internet* que recontextualizam a cidade a partir dos recortes de como eu a vejo e sinto;
- **DESENHOS:** em virtude da familiaridade com a arquitetura, sendo uma outra forma de apresentar minhas intencionalidades e intervenções subjetivas;
- **QR CODES:** são recursos que complementam o processo de experimentação através de áudios; fotografias; poesias; *hiperlinks* para *sites*, notícias, curiosidades.... Para que haja sua ativação é preciso estar conectado à *internet*, sendo que no caso dos dispositivos IOS o acesso é diretamente pela câmera do celular e nos *Androids* quando essa alternativa não funcionar, será preciso baixar um leitor de *QR Code*.

Desse modo, são múltiplos os olhares e desdobramentos daqueles que entram em contato com as experimentações, num movimento de agenciamento de memórias e afetos oriundos do atravessamento de corpos-experiências.

- Políticas da escrita e prosa poética como saída

O olhar prismático, afirma Renato Gomes, “assume múltiplos pontos de vista e desdobra-se em vários narradores”⁸⁰, ele condiciona pontos de vistas descentrados sobre os textos da cidade propiciando a constituição de relações aproximadas com as narrativas dos lugares. Desse modo, na viabilização da abertura de uma profusão de multiplicidades às experiências e o agenciamento de narrativas outras, vejo a prosa poética como estilo ou modo de dizer escolhido que resulta das entradas. Para ele:

Construir, por este caminho, possíveis leituras é descrever e articular fios secretos e descontínuos da cidade; é a tentativa de ler o ilegível. Aprender, portanto, seus sentidos múltiplos e em colapso, sentidos inseguros, é indicativo da nostalgia daquela legibilidade do labirinto urbano que os textos representam. Ler a escrita da cidade e a cidade como está escrita é buscar o legível num jogo aberto e sem solução⁸¹.

Problematizando, a partir da literatura, a potência narrativa dos modos de ver e dizer o espacial, Ludmila Martins e Queiroz Filho ressaltam que “num discurso narrativo, nenhuma palavra é empregada gratuitamente. As palavras reverberam

⁸⁰ GOMES, Renato. **Todas as cidades, a cidade**. Rio de Janeiro: Rococó, 2008, p.12.

⁸¹ Idem, *ibidem*, p.18.

sentidos da narrativa, cujas repercussões tanto podem fomentar o discurso hegemônico quanto tensioná-lo⁸², o que permite repercutir, a partir dos estudos de Deleuze e Guattari, a compreensão dessa linguagem como potência criativa na produção de outras maneiras de dizer urbanas, e a partir delas, fazer ranger nas grandes narrativas maiores sentidos apropriados por uma língua menor.

A língua maior cria uma gramaticalidade de constantes buscando centralizar as variações da homogeneização, enquanto a língua menor chacoalha essa estrutura ao aguçar possibilidades de variação. Assim, “umas se definiram precisamente pelo poder das constantes; outras, pela potência da variação”⁸³. A constante não se opõe à variável, pois ambos são como tratamentos possíveis na mesma língua.

Esses dois usos ou funções coexistem em seu sistema de pensamento porque o ato de dirigir-se aos caracteres de uma língua menor põe em variação o modo de ver, sentir e fazer a cidade. “Há uma sobriedade e uma variação que são como o tratamento menor da língua padrão, um devir-menor da língua maior. O problema não é o de uma distinção entre língua maior e língua menor, mas o de um devir”⁸⁴. Ao conquistá-lo, línguas menores desconhecidas passam a ser experimentadas num processo de estrangeirismo em relação à nossa própria língua para então transformar-se. Sobre esses acometimentos, Ludmila Martins e Queiroz Filho apontam que:

[...] o componente de fuga deleuzeano tem a ver com uma escrita que realiza um movimento em si, decompondo o conhecido para torná-lo estrangeiro. Transformação da gramática em si, insubordinação da ordem da língua ao limite em que as verdades sejam suspensas, rasgadas, rasuradas em suas narrativas. Até que aconteça a diluição entre as fronteiras dos fatos e das ficções misture os tempos e os espaços, criando um comum partilhado, zona indiferenciada do real e da fabulação, um devir-lugar⁸⁵.

Jacques Rancière (2009), nesse mesmo aporte, nos ajuda a compreender uma intensidade criada no processo de construção das narrativas que faz surgir duas instâncias de análise, sendo elas: a política e a estética. A política atua sobre o

⁸² MARTINS, Ludmila; QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. Por outras grafias de lugar: do encontro de trajetórias em Uma viagem à Índia à escrita literária como experiência geográfica. **GEOSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 24, n. 3, 2020, p.565.

⁸³ DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2**. Volume 02. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2º ed., 2011, p.50.

⁸⁴ Idem, ibidem, p.54.

⁸⁵ MARTINS, Ludmila; QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. Por outras grafias de lugar... Op. Cit., p.573.

escrever a respeito de algo, é um compartilhar que se desdobra em novas composições de compreensão do ver e falar do mundo.

Segundo ele, na base da política, existe também uma estética que pode ser entendida como “um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência”⁸⁶. Noutras palavras, a estética está condicionada ao que se vê e a política ao modo como se diz do que é visto.

Desse modo, é por uma grafia híbrida, poética e sensível que vislumbro a potência para ampliar os campos de atuação do pensamento rizomático, visto que as experimentações da escrita a partir dos estilos escolhidos resultam de camadas sobrepostas pelo corpo nas experimentações. Tanto a partilha quanto o sensível passam a orientar uma imaginação espacial capaz de se abrir às distintas possibilidades de fomentar arranjos estéticos e políticos compartilhados sobre outros modos de agir e fazer, potencializando outras dicções e imaginários na cidade.

⁸⁶ RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Trad.: Mônica Costa Netto. Ed. 34. 2ª Edição. São Paulo: EXO experimental org., 2009, p.16.

Entradas

escala
da
covid-19 casa
automatismo
reativo

agenciamentos
arquitetura grafias
afetos colagens
qr codes corpo - experiência
São Paulo desenhos
dispositivos
cidade tecnológicos

poesia
narrativas
possibilidades arte
sensível
arranjos
estéticos-políticos
dicções imaginários menor

Saídas

CARTOGRAFIAS

CARTOGRAFIAS

CARTOGRAFIAS

Figura 07 - Funcionamento da proposta metodológica
Fonte: Produzido pelo autor

sobreposição
reencontros metamorfose
linguagens frequências
fragmentos acontecimento retornos
reverberações modos de ser

r i T o r n e l o s

repetições acomentimentos
conexões mundos poéticos processos
redes arquiteto e urbanista

Ao delinear a tese da mesma maneira que construí minhas proposições práticas tenho como intenção que cada pessoa ao entrar em contato com ela possa ter a liberdade de escolher sua própria composição. Desse modo, existe uma versão dela construída por mim que se associa a sua leitura sequencial e outras abertas as re[combinações] de seus fragmentos.

Cada um deles, carrega adensamentos que tensionam a problemática central, sobrepondo-se e acrescentando interlocuções. Como cada experiência é sempre diferente da outra, ainda que os fragmentos sejam revisitados, eles produzirão afetamentos numa conjunção de ideias que se condensam, cruzam-se e fazem transbordar impressões outras. Jorge Larrosa, a respeito do assunto, explica que:

Se a experiência não é o que acontece, mas o que **nos acontece**, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo).⁸⁷

Pensá-la assim, permite que sua experimentação rompa com a forma tradicional para ser atravessada pelo indefinido e vago das sensações que lhe são acometidas durante o percurso, “[...] é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pre-ver nem ‘pre-dizer”⁸⁸. Então, se várias composições por ela podem ser formadas, diferentes reverberações também se fazem possíveis.

Logo, chamo este fragmento de Ritornelos porque ele evidencia as reverberações do meu processo de composição. Essa palavra, que utilizo a partir dos desdobramentos de Deleuze e Guattari⁸⁹, expressa-se através de reencontros territoriais. São retornos e ao mesmo tempo repetições que manifestam a

⁸⁷ LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. São Paulo: Autêntica. 2011, p.22, **grifo nosso**.

⁸⁸ Idem, ibidem, p.34.

⁸⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2**. Volume 04. Trad.: de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2° ed., 2012.

remodelação das percepções do corpo ao se atingir novos devires. Repetições que se produzem pela diferença, metamorfoseando-se continuamente.

Ao colocar em movimento todos os elementos que operam no agenciamento, ele o mostra em processo, proporcionando que relações mais polifônicas e abertas sejam suscitadas. Assim, para cada conexão, distintos ritmos são aguçados, já que diferentes elementos são interagidos em sua diferença, sem necessidade de estarem numa mesma medida. Dado isso, três grandes aspectos o envolvem, sendo:

Territorialização – o que está estabelecido, definido, o território. Associo seu entendimento a minha chegada à São Paulo seguida do início da pandemia de Covid-19 que restringiu meus movimentos urbanos fazendo com que uma escala muito reduzida fosse constituída e afetamentos cada vez mais reativos se fizessem presentes. Quanto mais territorial se apresentava meu espaço de vida, mais marcantes eram suas características.

Desterritorialização – o entendimento de como esse território opera seus sentidos, para assim, permitir que linhas de fuga oportunizem encontros outros. É a partir da produção da tese que esse movimento vai sendo realizado, ao englobar tanto produções teóricas quanto empíricas, cada qual, com suas interlocuções.

Reterritorialização – são os ecos latentes que se mantêm em ressonância, remodelado pelas percepções alteradas do corpo que retorna aquele território sentindo-o e pensando diferentemente de como entrou.

Recorro, então, a esse conceito para fazer as considerações sobre o meu processo de entrada e saída como arquiteto e urbanista pesquisador nesta pesquisa. Semelhante ao que Marco Polo fez quando retornou de suas viagens expeditas para contar ao imperador Kublai suas impressões sobre seu vasto território, os ritornelos não são uma sucessão de eventos, mas sim, de conexões. Por isso, não basta que haja linhas de fuga e devires por todo lado, é preciso querer ser modificado por elas.

Dito isto, foram os desassossegos evidenciados durante o mestrado que se tornaram o motor propulsor para dar início ao doutoramento. Entendendo-o como um aprofundamento do que já vinha sendo desenvolvido, ele carrega os diálogos provocadas pela ideia do rizoma de Deleuze e Guattari conjuntamente a uma abordagem alternativa do espaço, segundo Massey, capaz de pôr em cena a diferença pela multiplicidade.

Um dizer-cidade potencializa que leituras múltiplas sobre o espaço sejam despertadas. Alinhar a ideia de rizoma com uma escrita experimental do e pelo corpo oportuniza que diferentes modos de dizer-cidade(s) possam coexistir.

Ao incitar novos começos e encontros ele abre-se infinitamente à latência de outros modos de ser, ler e fazer na cidade, uma vez que, modula a fixidez dos discursos bloqueados para que linhas de fuga dirijam o percurso na descoberta de novas entradas, processos e grafias.

Consequentemente, ao optar pelo corpo como intercessor e sujeito da experiência dessas narrativas, dou capacidades a ele de registrar as sensações que o perpassam durante sua exposição para colocar em variação as possibilidades de dizibilidades daquele mesmo cenário.

Para tal, utilizei a região central de São Paulo como recorte espacial e defino, o lapso temporal do qual fiquei isolado, devido a pandemia, em minha casa, produzindo afetos cada vez mais reativos em virtude do automatismo gerado pelo confinamento de escala da casa. Logo, experimentá-la para além dela, permitiu que percepções jamais imaginadas pudessem ser fabricadas.

Cada fragmento buscou tensionar um eixo que ajudasse sua compreensão.

Abaixo, faço breves observações sobre cada um deles:

O fragmento *Movediças* trouxe os diálogos construídos para a compreensão da cidade contemporânea que se abre às pluralidades. Nela foram pensados modos de dizer-cidade(s) como potência para ampliar a escala de experimentação do espaço quando operados pelos agenciamentos citadinos. Seus desdobramentos contribuíram para que linhas de fuga bordejassem negociações e polifonias a fim de que o urbano afetasse à medida que suas capacidades de recombinação fossem aumentadas.

O fragmento *Corpo Intercessor* tratou da consideração do automatismo, compreendido nesta pesquisa como uma marca do viver contemporâneo. Através da experiência corporal expressamos questões da vida cotidiana, da arquitetura, do urbanismo e da cidade para aumentar nossas capacidades de fazer e agir nos espaços de vida, entendidos como próprio significado do viver citadino. Desta maneira, o corpo como meio de variação possibilitou a abertura de outros modos de sentir a cidade, de mapear e ser mapeado na produção de afetos-grafia ao assumir protocolos que desajustassem suas lógicas de controle.

As *Experiências metodológicas*, que propus como linha metodológica, foram as experimentações a partir de um corpo-experiência baseado nos operativos de uma cidade rizomática. Expor-se ao campo por meio deste corpo que desterritorializou seus sentidos e os fez variar, contribuiu no atravessamento das instabilidades agenciadas no momento da experiência para criar, a partir delas, traçados de linhas de fuga que conduzissem à captura de outras grafias na e com a cidade. Delineada por meio de dois protocolos a fim de que a lógica rizomática na cidade em suas descontinuidades fossem experimentadas, destaco:

Formas de entrada, novos itinerários e outras grafias

Nesse protocolo foram abordadas as características que configuravam as entradas para a cidade a partir da postura assumida pelo sujeito da experiência.

Políticas da escrita e prosa poética como saída

Foi o estilo ou modo de dizer escolhido que resultou das entradas. Elas assinalaram uma intensidade criada no processo de construção das narrativas que fez surgir duas instâncias de análise, a política e a estética. Desse modo, orientou a uma imaginação espacial capaz de se abrir às distintas possibilidades de fomentar em campo arranjos estéticos e políticos sobre outros modos de ser e fazer, potencializando outras dicções e imaginários na e com a cidade.

Dentre as linguagens empregadas, a colagem surge conferindo sentido às composições por meio de recortes e sobreposições ao evidenciar o que mais era percebido pelo corpo-experiência. Os elementos retirados da paisagem urbana e explorados poeticamente em sua criação, conferiram possibilidades rizomáticas a partir dos sentidos agenciados em sua construção.

Conjugada aos desenhos e QR Codes, as linguagens descontextualizaram os componentes retirados da cidade e os reconectaram numa nova fragmentação. A subtração dos elementos em sua montagem promoveu novos contornos à visão, dando chances para que mundos poéticos fulgurantes fossem despertados.

As *Experimentações Urbanas* foram os modos de efetivar as práticas, cada uma dotada de narrativas e arranjos estético-políticos próprios a partir do corpo-experiência exposto. Fundamentadas pelo argumento de Queiroz Filho sobre a relação entre trabalho de campo e experiência, tais práticas são uma “[...] questão de

velocidade e ritmo, portanto de sensibilidade, tanto dos pés quanto do pensamento”⁹⁰, permitindo experimentar os registros do acaso a partir do viver citadino. O termo experiência, no sentido conferido por Jorge Larrosa, foi entendido como “o que nos passa, o que nos toca. Não o que passa, não o que acontece, ou o que toca”⁹¹, exigindo um gesto de interrupção, de suspensão do automatismo, para transformar o corpo no mundo em face daquilo a que se expõe.

Cada uma foi construída a partir de dobraduras singulares a fim de que o próprio manusear pudesse provocar inquietudes, supressas e recombinações. A própria experimentação está condicionada a uma escolha dentre as apresentadas, para que seu contato possa ser o mais plural possível.

O fragmento *Bibliografias* traz as cidades que me ajudaram a abrir os pensamentos para caminhar nesse percurso acadêmico, da qual por muito tempo lá permaneci, visitei, reencontrei, aprendi e carrego comigo de agora em diante.

Assim como Fernand Deligny⁹² pressupõe, precisamos estabelecer nossas redes, que são “um modo de ser”, rizomas. Em todo lugar é possível constituí-las, há sempre um fora para se experimentar. Ali é possível se perder, criar trajetos, fazer-se em rede. Diante disso, trago também para esta pesquisa reverberações que já se desdobraram em outras narrativas construídas coletivamente.

Ao fim do trabalho, apresento capas colaborativas elaboradas em conjunto com a artista *Carolina Zechinatto* que trabalha com a linguagem da colagem a partir das interseções do bordado. Essa conjunção de pensamentos permitiu que a apresentação da pesquisa trouxesse uma produção que atravessa a multiplicidade de olhares e acometimentos surtidos dos textos.

Portanto, saliento que as reflexões levantadas aqui contribuirão para ampliar e esticar os horizontes para pensar a arquitetura, o urbanismo e o modo como se vive no espaço urbano contemporâneo.... Esta tese, portanto, é um convite, um com[partilhar] para ser experimentada através das possibilidades, do corpo, da arte, da poesia e das escolhas que despertarão ecos, reflexões, afetos e sensações sobre novos modos de ser e dizer sobre as cidades.

⁹⁰ QUEIROZ FILHO, Antônio C. **Do sensível, poesia: outros modos de grafar o mundo**. Vitória: Editora Mil Fontes, 2019, p.97.

⁹¹ LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. São Paulo: Autêntica. 2011, p.21.

⁹² DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Trad. Lara Christina. São Paulo: n-1 edições, 2º ed., 2018, p. 15.

De Certeau

Canevacci Mossi

Deleuze Khoury

Levy Guattari

Agamben

Calvino Fuganti Rancière

Queiroz Filho Aspis Magnavita

Massey Caiafa Martins **cruzamentos**

b **i** **b** **l** **i** **o** **g** **r** **a** **f** **i** **A**

Barros Larrosa Latour Pimenta

Beiguelman Sennet Marandola Jr. Fuganti

Nogueira

Virilio

Hissa

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Trad.: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

_____. **Infância e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2005.

ASPIS, Renata Lima. **Resistência e Confabulação**. In: Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e... Petrópolis, RJ; De Petrus; Brasília, DF: CNPQ; Campinas ALB, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Trad.: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BARROS, Manoel de. Livro sobre nada. Rio de Janeiro: Record; 1996.

BEIGUELMAN, Giselle. **Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana**. São Paulo: ECidade, Outras Palavras, v.8, 2020.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BERENSTEIN, Paola. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

CAIAFA, Janice. Comunicação e diferença nas cidades. **Revista Lugar Comum**. Estudos de mídia cultura e democracia, nº 18, 2003.

_____. Conversações. **Revista Contracampo**. 40 anos de understanding, nº 10/11, 2004.

_____. **Jornadas Urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad.: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das letras, 1972.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana**. Tradução de Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**. Ed. Vozes Ltda.: Rio de Janeiro, 3ª ed, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Diálogos: Gilles Deleuze – Claire Parnet**. Trad.: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

_____. **Conversações**. Trad.: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 7ª reimpressão, 2008.

_____. **Lógica do sentido**. Trad.: de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 5º ed, 2011.

_____. **Carta a Uno: como trabalhamos a dois**. In: DELEUZE, Gilles. Dois Regimes de loucos. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____; GUATTARI Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2**. Volume 01. Trad.: de Aurélio Guerra Neto; Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2º ed., 2011.

_____; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2**. Volume 02. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2º ed., 2011.

GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. Volume 3, Trad.: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: editora 34, 2º ed., 2012,.

_____; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia**. São Paulo, Ed. 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Trad.: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002.

FUGANTI, Luiz. **Corpo em devir**. Revista Sala Preta, n.7, 2007.

GOMES, Renato. **Todas as cidades, a cidade**. Rio de Janeiro: Rococo, 2008.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Trad.: Ana Lucia de Oliveira e Lucia Claudia Leão, ed. 34 - 4º reimpressão, 2006.

HISSA, Cássio; NOGUEIRA, Maria. Cidade-corpo. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**. v.20, n.1, 2013.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. São Paulo: Autêntica. 2011.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: Edufba-Edusc, 2012.

LEVY, Tatiana. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault, Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MAGNAVITA, Pasqualino. Experiência rizomática. **Revista Redobra**: Salvador, nº 9, 2012.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP, 2008.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad.: de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MARTINS, Ludmila; QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. Por outras grafias de lugar: do encontro de trajetórias em Uma viagem à Índia à escrita literária como experiência geográfica. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 24, n. 3, 2020.

PIMENTA, Gustavo. **“Minhas Vianas”**: a cidade como lugar dos afetos. Vitória: Causa. 2021.

_____ ; MATHIAS, Fernando; QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. Entre Janelas: páginas de um diário corpográfico sensível da cidade-medo. **Cadernos PROARQ**, V. 36, p.55-73, 2021.

_____ ; Martins, Ludmila. Experiências etnográficas digitais: narrativas pandêmicas do gabinete de crise do Complexo do Alemão. **Oculum Ensaios**, v.19, 2022.

_____ ; KHOURY, Feres; QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. Narrativas rizomáticas e as experimentações na cidade. **Revista Geograficidades**, v.1, 2023.

QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. **Corporema: por uma geografia bailarina**. Vitória: e-book, 1º ed., 2018.

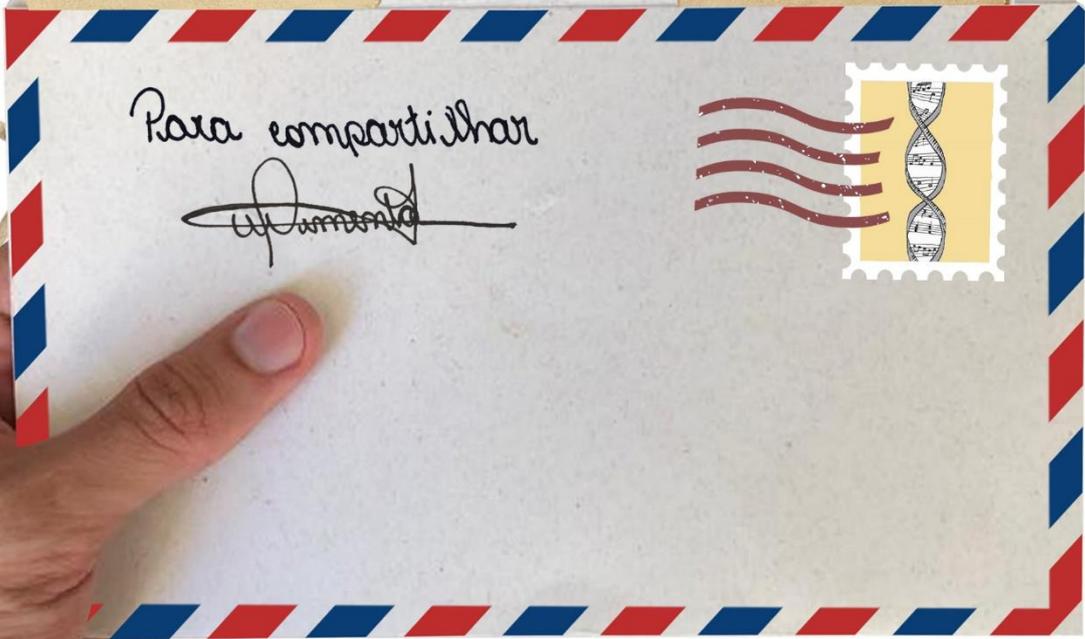
_____. **Do sensível, poesia: outros modos de grafar o mundo**. Vitória: Editora Mil Fontes, 2019.

_____. **Nunca estamos prontos: reparar o corpo, prescrever geografias**. In: DOZENA, Alessandro. (org). Geografia e Arte. Natal: Caule de Papiro, 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Trad.: Mônica Costa Netto. Ed. 34. 2ª Edição. São Paulo: EXO experimental org., 2009.

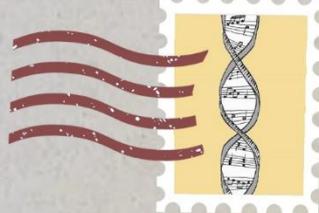
SENNET, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Trad.: Marcos Aarão Reis, Rio de Janeiro: Record, 3º ed, 2003.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Trad.: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.



Para compartilhar

[Handwritten signature]



movidas

escuro
cidade
espaço
Massey
coexistências
multiplicidade
aberturas
polifônica
Canevacci
vozes
Levy
'fora'
híbrido
Latour
dispositivos tecnológicos
digital offline
online
Virilio
redesterritorialização
estórias-até-agora

Agamben
mergulhar
Magnavita
contemporâneo
encontros
variação
presencial
Guatarri
expressão
Deleuze
conteúdo
linhas de fuga
diferença
agenciamento
heterogêneo
Marandola Jr.
espaços de vida
Caiafa
Benjamin
outrem
subjetivação
estranhamento

SÃO PAULO

criativo

anestesiado

escala

grafias

Hissa e Nogueira

intensiva primeira geografia

afetos

De Certeau

automatismo cidade-corpo

Queiroz Filho

rua

homens lentos

Bauman

velocidade

devir

Berestein

alteridade

artistas

poema

praticantes ordinários

sensações

linguagem

corpo

andar mecânico

arte

Barros

Deleuze ouvir

ranhuras

CsO

transver

dizer

ver

Guatarri

experimental

Sennet

escutar

graus de potência

pele

sentir

disciplinamento

Foucault



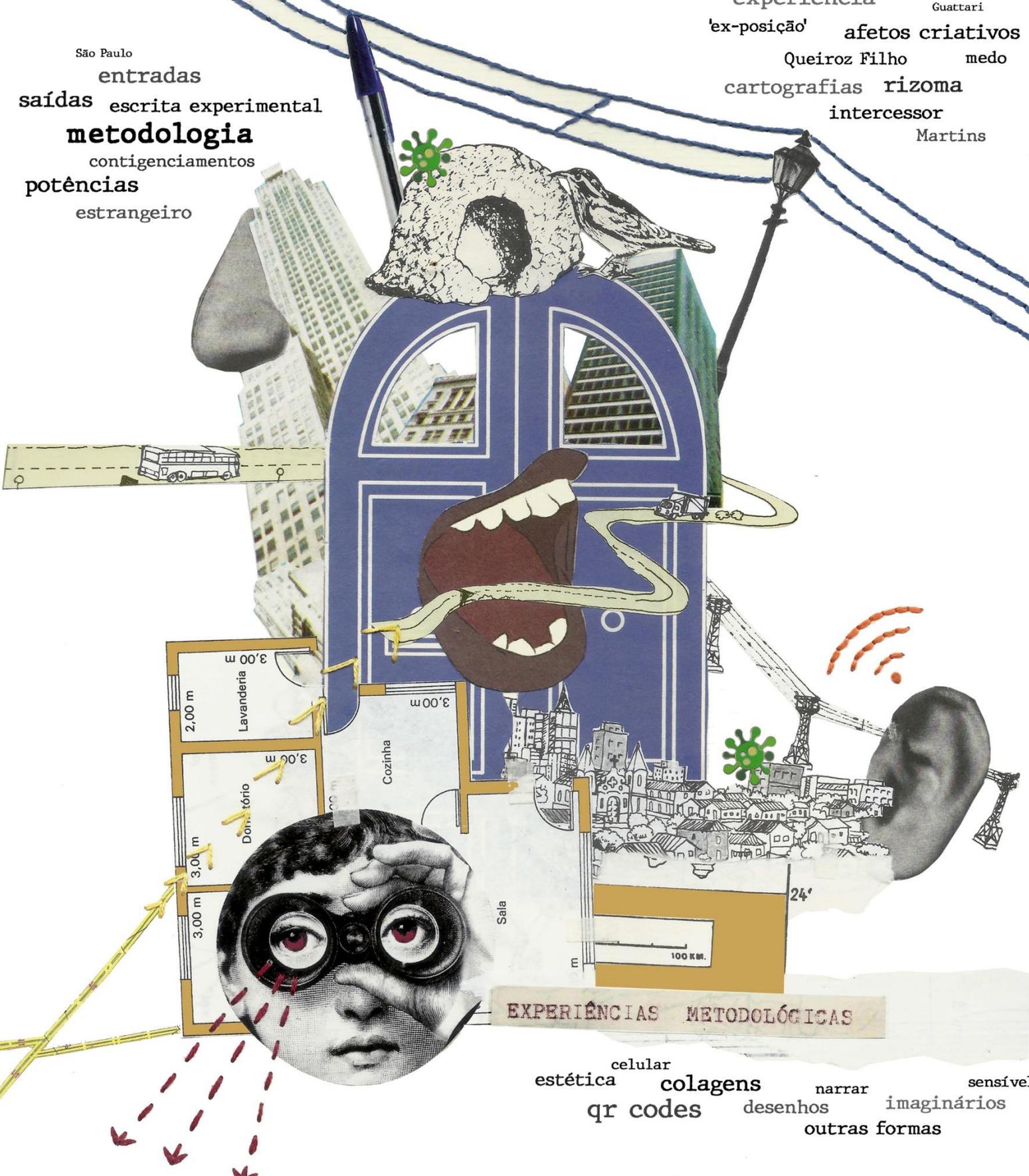
CORPO

INTERCESSOR

Fuganti
escalas intensivas offline
horizontes Calvinino online automatismo isolamento
sentidos Larrosa esticamento insegurança
janelas escala da casa Marco Polo
covid-19 afetos reativos automatismo

Rancièrè Deleuze grafias
experiência Guattari
'ex-posição' afetos criativos
Queiroz Filho medo
cartografias rizoma
intercessor
Martins

São Paulo
entradas
saídas escrita experimental
metodologia
contingenciamentos
potências
estrangeiro

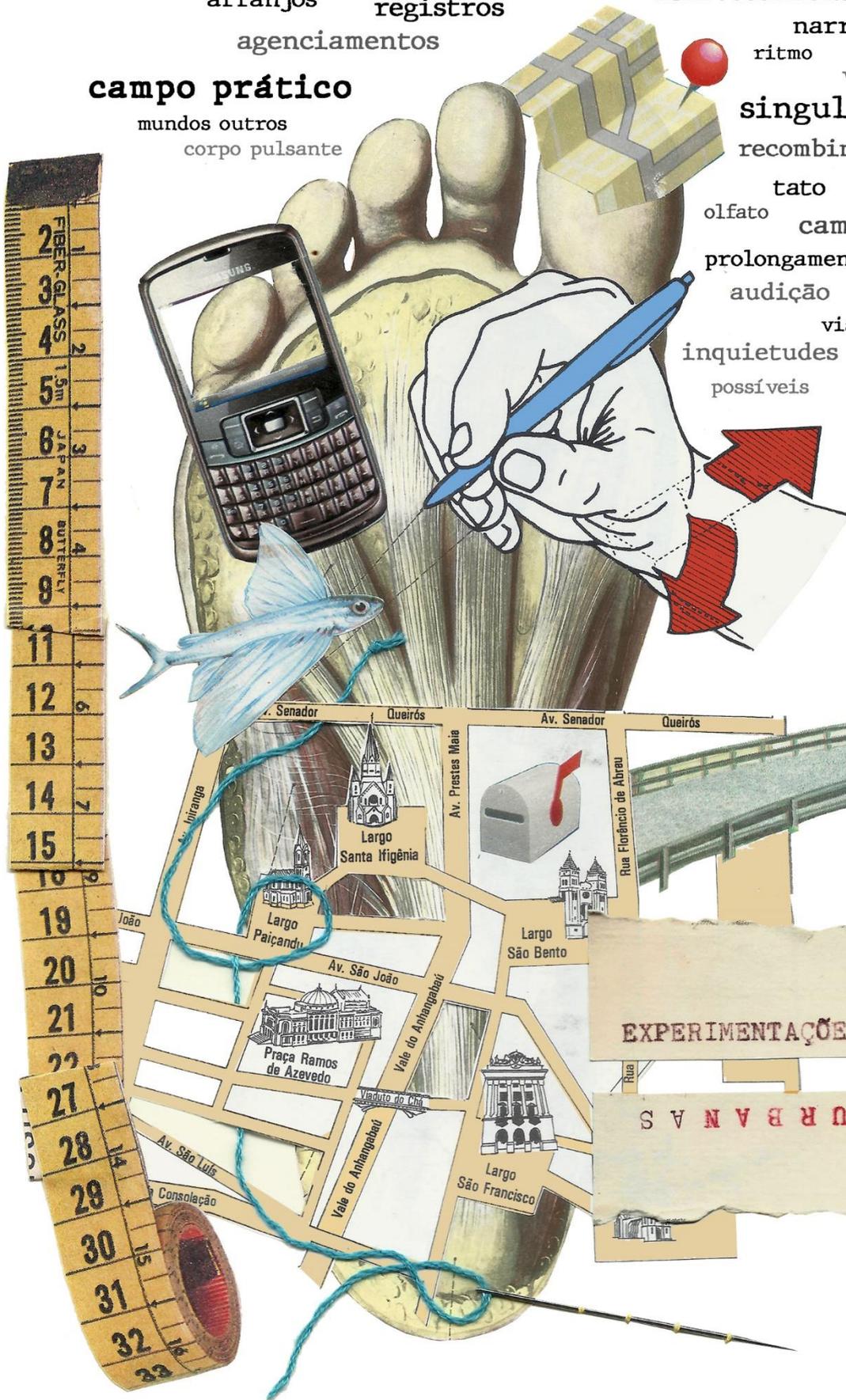


EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS

celular
estética colagens narrar sensível
qr codes desenhos imaginários
outras formas

pés
 irrompimento poesia
 dobraduras suspensão
 arranjos registros atravessamentos
 agenciamentos narrativas
 ritmo
campo prático versões
 mundos outros singularidades
 corpo pulsante recombinações

tato paladar
 olfato caminhar
 prolongamentos
 audição
 visão
 inquietudes
 possíveis



Zechinatto

acometimentos desterritorialização

capacidades arquiteto e urbanista

mundos poéticos repetições

impressões linguagens

modos de ser

frequências

processos

sobreposição redes

reencontros retornos

ecos **reverberações**

conexões metamorfose

Gustavo Pimenta

convite

partilhar

fragmentos

experimentações urbanas

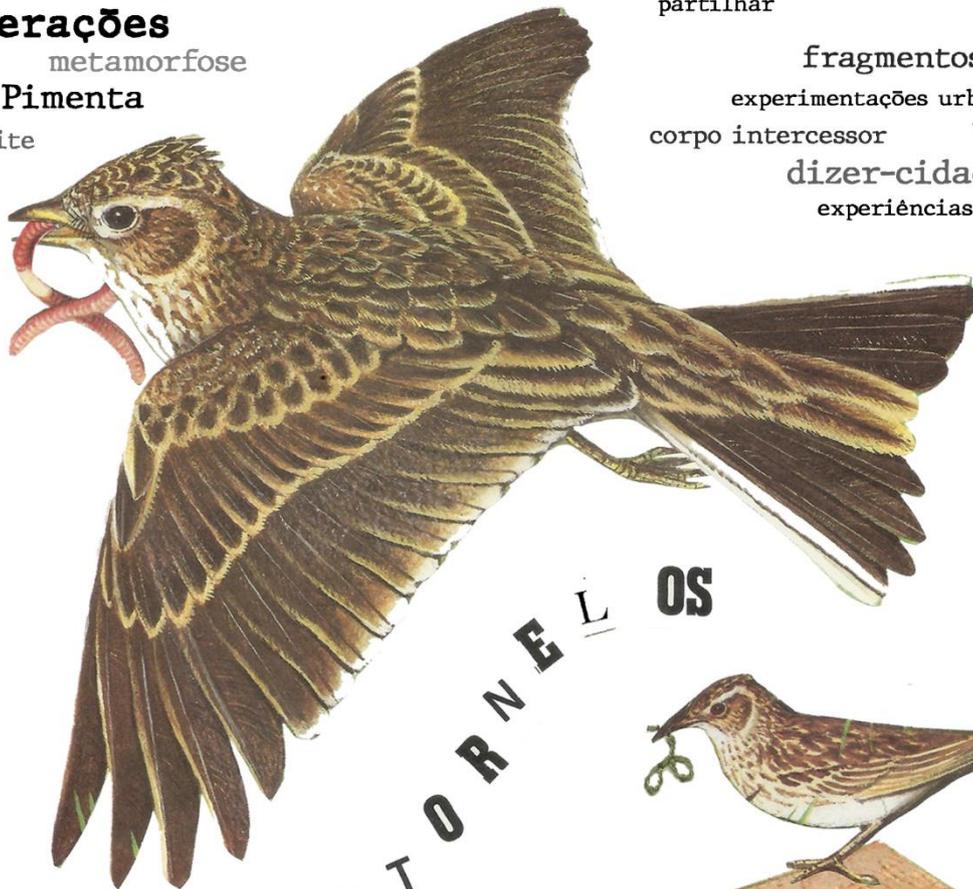
corpo intercessor movediças

dizer-cidade(s)

experiências metodológicas

bibliografias

aberturas



RITORNELLOS



Sennet

Canevacci

Marandola Jr.

Barros

Foucault

De Certeau

Massey

Calvino

Magnavita

De Certeau

Larrosa

Berenstein

Martins

Virilio

Gomes

Hissa

Benjamin

Khoury

Nogueira

Queiroz Filho

Agamben

Bauman

cruzamentos

Pimenta

Levy

Fuganti

Rancière

Latour

Caiafa

Beiguelman

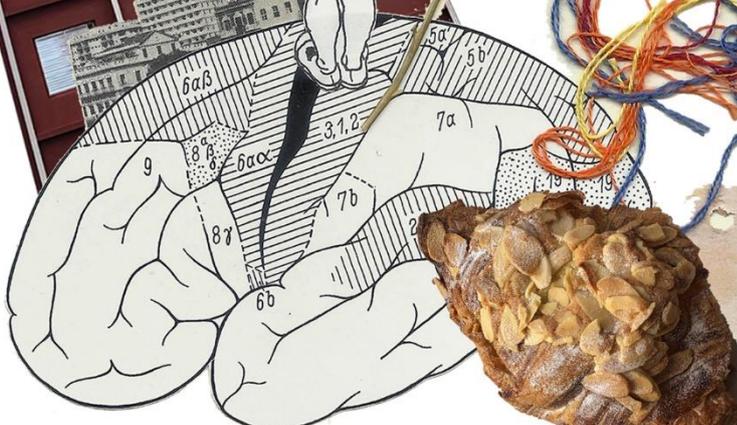
Aspis

Guattari

Deleuze



B i B L i o G r a F i a s



Guia de ruas.